



atos

do conselho geral

ano LXXVI janeiro-março 1995

N.º 351

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE DOCUMENTAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

N. 351

ano LXXVI

janeiro-março

1995

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ O Sínodo sobre a vida consagrada	3
<hr/>		
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	Não constam neste número	
<hr/>		
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Documentação Histórica e Arquivos	33
<hr/>		
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	44
	4.2 Crônica do Conselho Geral	45
<hr/>		
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Intervenções do Reitor-Mor no Sínodo dos Bispos	68
	5.2 Beatificação de Madre Maddalena Morano	75
	5.3 Irmãos Falecidos	77

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: 11 32431 ESPS BR

O SÍNODO SOBRE A VIDA CONSAGRADA

Introdução - A mais numerosa Assembléia sinodal - A ótica eclesial na impostação do tema - A natureza íntima da Vida consagrada - A importância do monaquismo - A mulher consagrada - A plena dignidade dos Religiosos "Irmãos" - A inserção na Igreja particular - Os desafios da Nova Evangelização - O primado urgente da "vida no Espírito" - A força da vida fraterna em comunidade - Conclusão.

Roma, Solenidade da Imaculada - 1994

Queridos irmãos,

uma saudação fraterna, também dos membros do Conselho Geral, especialmente do P. Martin McPacque que, infelizmente, já há algum tempo não está tão bem de saúde; ele se recomenda de modo especial à intercessão de Dom Rua; acompanhem-lo com a nossa oração.

Como já sabeis, entre os serviços do Conselho Geral, incluíram-se nestes meses várias visitas de conjunto; elas permitem constatar, de um lado, o bem enorme promovido na Congregação desde o último Capítulo Geral (CG23) e, de outro, algumas imperfeições ou lacunas que nos obrigam a não esquecer, olhando adiante, a indispensável urgência da evangelização dos jovens. Felizmente o tema do CG24 não nos afasta de modo algum dos compromissos desta missão, ou melhor, estimula-nos a saber comprometer neste sentido outras numerosas forças complementares.

Já estamos no início do novo ano de '95; um ano que, para nós, terá como característica o empenho na preparação do CG24, que haverá de levar a Congregação à grandiosa e profética comemoração bimilenar da encarnação do Verbo e introduzirá o carisma de Dom Bosco no terceiro milênio da fé.

A leitura da recente carta apostólica *Tertio millennio adveniente* faz-nos perceber a magnanimidade da visão de fé de João Paulo II e o extraordinário compromisso eclesial na preparação das celebrações do Grande Jubileu do 2000.

A carta apostólica fala de duas fases de preparação. A primeira, que poderíamos chamar de “ante-preparatória”, vai até 1996. A celebração do nosso CG24 inclui-se justamente nessa fase. É bom ter presente a sua colocação como projeção de futuro. A preparação do Capítulo ('95) e sua realização ('96) far-nos-ão sentir protagonistas no esforço de incorporar aos frutos do Grande Jubileu o carisma de Dom Bosco, genuinamente renovado e feito contemporâneo na capacidade de responder aos desafios dos tempos.

“O futuro do mundo e da Igreja - escreve o Papa - pertence às *jovens gerações* que, nascidas neste século, estarão maduras no próximo, o primeiro do novo milênio. *Cristo espera os jovens!*”¹. O projeto apostólico do nosso Fundador é todo voltado para os jovens e penetrado constitutivamente pela virtude da esperança. Os Capítulos do pós-concílio impeliram-nos a ser, sempre com maior concretude, “missionários dos jovens”.

Peçamos a Nossa Senhora, que está no centro do grande acontecimento do 2000, que nos acompanhe nos trabalhos dos próximos Capítulos Inspetoriais e nas demais iniciativas de preparação para aquele que será o último Capítulo Geral do século.

¹ *Tertio millennio advenientes* 58.

Um acontecimento de Igreja e de família, particularmente significativo para nossos propósitos de renovação, foi a beatificação da Irmã Maddalena Caterina Morano por parte do Santo Padre João Paulo II, no dia 5 de novembro passado em Catânia. Uma nossa irmã consagrada que faz brilhar na Igreja, como contribuição da nossa Família, o autêntico espírito salesiano de Dom Bosco. Olhar de novo para ela a fim de ler o seu testemunho espiritual, transmitido numa laboriosa existência de caridade apostólica, haverá de ajudar-nos a dar validade operativa aos nossos propósitos de melhor qualidade salesiana.

Impele-nos de modo particular a este empenho de identificação carismática o recente Sínodo dos Bispos (outubro'94). Convido-vos, pois, nesta circular, a juntos considerarmos alguns de seus aspectos estimulantes.

É um Sínodo que entra certamente - se pensarmos na Exortação apostólica que aguardamos para proximamente do Santo Padre - na fase ante-preparatória do Grande Jubileu. Façamos tesouro de seus conteúdos e orientações para intensificar e melhorar o nosso processo de renovação.

A mais numerosa Assembléia sinodal

Neste recente Sínodo ordinário, o nono, foi batido o recorde de participantes: mais de 240 "padres sinodais" (todos Bispos, com alguns Superiores religiosos sacerdotes), 75 "ouvintes" (dos quais 53 mulheres) convidados pelo Santo Padre, 20 "especialistas" (colaboradores do Secretário geral), uma dezena de "ouvintes" de outras Igrejas não católicas; ao todo quase 350 membros.

Como sabido, o tema era "Vida Consagrada", mais amplo que "Vida Religiosa"; as contribuições ofereci-

das na fase de preparação por parte de todas as Igrejas estavam contidas num precioso “Documento de trabalho”, que foi explicitamente muitas vezes valorizado e que orientou as intervenções em aula e o frutuoso diálogo de busca nos 14 grupos lingüísticos e na comissão para a elaboração da Mensagem. Estavam presentes 55 Institutos masculinos e 53 femininos.

Entre os “padres sinodais” havia dois cardeais salesianos (suas Emas. Castilho e Javiere), oito dos nossos bispos (suas Exas. Charles Bo, Héctor López, Juan Mata, Basilio Mwe, Zacarías Ortiz, Oscar Rodríguez, Tito Solari, Ignazio Velazco) e também o Reitor Mor; entre os “ouvintes” havia o Inspetor da Venezuela, P. José Divassón; e entre os “especialistas”, P. Vittorio Gambino e Ir. Enrica Rosanna FMA. Pudemos todos reunir-nos, além dos trabalhos quotidianos, numa ceia familiar em nossa comunidade do Vaticano - tão hospitaleira - com alegria, cantos, vivas conversações e convivência cheia de alegria e de esperança, que ainda hoje trazemos no coração: uma pausa carismática por ocasião do Sínodo!

Além das contribuições de cada um nos círculos lingüísticos, todos estes nossos irmãos apresentaram em aula intervenções qualificadas de acordo com o País de onde vinham, no clima comum a todos do espírito de Dom Bosco (só não pode intervir Dom Charles Bo, que chegou atrasado por dificuldades de autorizações).

O Santo Padre participou de todas as assembléias gerais com fidelidade quotidiana, com interesse e bom humor.

Uma presença particularmente admirada e ao mesmo tempo humildemente modesta foi a de Madre Teresa de Calcutá, sempre atenta e em oração; ela teve uma comovente intervenção na assembléia, que fez pensar na

genialidade feminina no testemunho do valor da consagração religiosa tanto para a Igreja como para o mundo.

João Paulo II, armado de bengala, foi centro de comunhão e também de alegria, com seu humorismo; sua afabilidade e senso de diálogo levaram-no a tomar contato com cada um, convidando para o almoço e a ceia - todos os dias - pequenos grupos de oito ou dez e, no último dia, reunindo a todos num grande almoço.

Reconheça-se que a mesma celebração do Sínodo, com a convivência, o ambiente de cordialidade, os encontros, os diálogos, as discussões, o clima de convergência na fé, apesar das numerosas diferenças de proveniência, constituiu uma preciosa experiência de comunhão na Igreja e uma positiva constatação das sábias preocupações pastorais do Papa e dos Bispos. É certamente uma graça do Senhor o fato de ter podido participar ativamente num acontecimento de comunhão que se pode considerar único no mundo.

A ótica eclesial na impositação do tema

Em Congregação já fizemos juntos algumas reflexões úteis² sobre a importância deste Sínodo e sobre o caráter de suas conclusões. Relendo a circular de '92 fiquei impressionado pela sua aderência ao que de fato foi o Sínodo.

Como dizíamos, não se pode considerar esta assembléia episcopal à medida de um Capítulo Geral para cada Instituto; os Bispos não partiram do âmbito da especificidade dos carismas, mas do significado global e vital que todos juntos têm na Igreja. Escrevíamos: "De certo modo somos convidados (nós Religiosos) a fazer um caminho inverso ao dos últimos Capítulos Gerais: lá estávamos empenhados - partindo dos estímulos concii-

² cf. ACG 342, outubro-dezembro 1992.

liares - em definir o nosso carisma herdado do Fundador (passávamos do patrimônio conciliar comum ao específico da índole própria); aqui, diversamente, deveremos saber levar - partindo da experiência da nossa identidade carismática - luzes e aprofundamentos sobre os valores comuns de eclesialidade (ou seja, passar do específico da índole própria ao patrimônio vital comum)”³

³ ACG 342, p. 10.

Por isso não se devia esperar do Sínodo - que, além do mais, é um acontecimento de colegialidade episcopal de *caráter propriamente pastoral para toda a Igreja* - nem a formulação de uma definição técnica da Vida Consagrada, bastando a afirmação clara de seus elementos constitutivos, nem a solução de determinados problemas próprios dos vários Institutos, nem uma censura pelos eventuais erros e desvios de grupos de consagrados no período pós-conciliar. Mas esperar, sobretudo em profundidade, a afirmação de sua dimensão eclesial, sua vinculação à santidade, seu papel de protagonismo na Nova Evangelização, sua preciosidade de dom do Espírito Santo à Igreja e ao mundo na perspectiva do futuro: perscrutar os grandes valores comuns, evitando contudo o perigo de um genericismo rasteiro.

“Poderíamos dizer - escrevíamos - que esperamos, como fruto global, o decidido relançamento da Vida Consagrada em seus aspectos essenciais e vitais. Ela, de fato, é chamada, através da ação fecunda do Espírito Santo nos Fundadores e nas Fundadoras ao longo dos séculos, a manifestar a riqueza do mistério de Cristo fazendo resplender na Igreja - seu 'Corpo' na história - a multiforme graça de Cristo-Cabeça”⁴

⁴ ACG 342, p. 38.

É interessante reler hoje aquela circular, que poderia parecer ter sido escrita após a celebração do Sínodo; posso dizer-lhes em confidência que nós Salesianos, durante os

trabalhos sinodais, nos sentimos em feliz sintonia com a orientação da assembléia e positivamente estimulados a prosseguir o caminho com forças renovadas e com um profundo reconhecimento ao Espírito Santo que nos tem guiado nos empenhos de renovação pós-conciliar.

O Sínodo alegrou-nos e nos fez sentir no caminho certo, embora nos convide a intensificar os esforços de renovação para atingir também as várias metas ainda em aberto.

Somos convidados a escutar no Sínodo a voz do Episcopado preocupado em bem orientar o Povo de Deus. Depois da reflexão sinodal sobre o laicato na Igreja⁵, e sobre o ministério sacerdotal⁶, os Bispos com o Papa aprofundaram a natureza e o papel da Vida Consagrada. Suas considerações colocam em relevo a eclesialidade dos carismas e as responsabilidades de serviço que eles mesmos deverão ter para com a Vida Consagrada, considerada um dom preciosíssimo do Espírito Santo para todo o Povo de Deus.

A ótica com que os Bispos consideram a Vida Consagrada, de certo modo, anterior àquela que cada Instituto segue por si mesmo, dá-lhe legitimidade e riqueza, garantindo uma melhor visão global, unitária e integral.

Conforta-nos e estimula-nos saber que os Pastores consideram como um dever próprio a privilegiar o do serviço ministerial à Vida consagrada: “de re nostra agitur” (= “trata-se de um tesouro nosso”), afirmou o Card. Hume, relator geral, em sua primeira relação de encaminhamento dos trabalhos; e dedicou toda a primeira parte de sua relação a explicar esta afirmação. Propôs uma série de seis verbos que desenvolveu em seguida: “É missão do Episcopado em comunhão com o Romano Pontífice e de cada Bispo em sua respectiva diocese: *reconhecer, discernir, tutelar, promover, harmonizar*” a Vida Consagrada.

⁵ Exortação ao
Christifideles
Laici.

⁶ Exortação apos-
tólica Pastores
dabo vobis.

“O papel do Bispo diante da Vida Consagrada vai, portanto, além da programação pastoral. Ele, pastor e guardião também das pessoas consagradas e do dom da Vida Consagrada, de modo diverso segundo se trate de Institutos de direito pontifício ou diocesano ou isento: mas sempre ‘de re nostra agitur!’”. E insiste: “o dom da Vida Consagrada feito à Igreja, confiado ao nosso cuidado e à nossa caridade pastoral”.⁷

Por isso, afirma o Card. Hume, a finalidade e os objetivos deste Sínodo deverão ser:

- fazer entender, valorizar e acolher a Vida Consagrada por parte de toda a Igreja;
- promovê-la em sua autenticidade teológica, apostólica e missionária;
- facilitar a sua expansão qualitativa e quantitativa.

Certamente escutaram-se em aula também algumas intervenções críticas sobre alguns aspectos negativos observados aqui e ali em grupos de consagrados inquietos. Pensemos, por exemplo, em certas formas de “paralelismo pastoral”, em atitudes de independência em relação ao Magistério do Papa e dos Bispos, em influxos de ideologias de moda, em imprudências na programação da formação, em modalidades secularistas no estilo de vida, em abusos de liberdade na liturgia, em pusilanquidades no exercício da autoridade, em superficialidade espiritual com queda da contemplação, da ascese e da disciplina religiosa. É preciso reconhecer, porém, que estas intervenções não deram o tom ao conjunto das reflexões, que permaneceram claramente ancoradas nos três objetivos indicados acima para ajudar a Vida Consagrada num tempo de renovação.

⁷ HUME, Relatio ante disceptationem, 4.

A natureza íntima da Vida Consagrada

A “Mensagem” sinodal sublinhou com clareza que na Assembléia “se fez ressaltar uma distinção importante: aquela entre a ‘Vida Consagrada’ enquanto tal em sua dimensão teológica, e as ‘formas institucionais’ assumidas por ela ao longo dos séculos. A Vida Consagrada enquanto tal é permanente, jamais poderá faltar na Igreja. As formas institucionais, diversamente, podem ser transitórias e não possuem garantias de perenidade”.

Isto significa que é preciso considerar a Vida Consagrada não simplesmente como uma realidade presente “na” Igreja, mas como um elemento constitutivo da natureza “da” Igreja. Esta ótica vincula constitucionalmente a Vida Consagrada ao mistério mesmo de Cristo, ao estilo de vida de Maria e dos Apóstolos. Não é, portanto, uma realidade eclesial que começa simplesmente com o monaquismo; este de fato é uma “forma institucional” da Vida Consagrada, mesmo se muito benemérita desde os primeiros séculos.

Dessa forma entende-se melhor como a consagração através dos conselhos evangélicos (votos ou outros vínculos eclesiais) esteja vitalmente enraizada no Batismo: sacramento que incorpora diretamente a Cristo; nEle tem a sua fonte.

Surge daí a visão nova do modo com que devemos orientar em profundidade a nossa renovação na fidelidade às primeiríssimas origens: é preciso referir-se diretamente à fonte, que é o mistério de Cristo. Os próprios Fundadores não inventaram a Vida Consagrada, mas receberam-na da tradição viva da Igreja; revestiram-na, depois, com um projeto original de participação na missão do Senhor.

Uma visão assim teologal da Vida Consagrada imerge-nos diretamente no Evangelho; faz-nos pensar em nosso

Fundador, não tanto como num monge modernizado, mas como um incansável colaborador dos sucessores dos Apóstolos, e orienta a nossa busca de modelos a contemplar e seguir nos próprios umbrais da Páscoa e de Pentecostes.

Com a nossa profissão religiosa empenhamo-nos em reproduzir o estilo de vida testemunhado por Cristo, obediente, pobre e casto, participado esplendidamente por Maria, transmitido aos Apóstolos, florescido na primeira comunidade cristã (“um só coração e uma só alma”). Na profissão somos inseridos no mistério de Cristo e na íntima natureza da Igreja e nos sentimos levados a não defraudar a quem nos olha como “sinais e portadores” do amor de Deus.

Daí deriva a urgência de concentrar a renovação naquilo que aproxima mais de Cristo, sobretudo em fazer da Eucaristia o centro quotidiano da vida interior das pessoas e das comunidades, recordando quanto afirma o Evangelho: “Os discípulos reconheceram Jesus, o Senhor, no partir o pão”.⁸

⁸ Lc 24,35.

Ao lado da Eucaristia merece um cuidado especial, como empenho de contato com Cristo - sublinhou-o o Card. Baum -, a freqüência ao sacramento da reconciliação através do qual vemos nEle o nosso pobre rosto nem sempre limpo por causa de tanta poeira da quotidianidade; ele dá atualidade à dimensão penitencial e à indispensabilidade da ascese e da práxis vivida de uma disciplina religiosa segundo uma Regra professada.

Discutiu-se entre os padres sinodais sobre o significado preciso de alguns termos muito usados, como “carisma”, “consagração”, “sacramentalidade”, “profissão”, sem se chegar porém a uma convergência total. Pediu-se⁹ para confiar a uma comissão de especialistas o esclarecimento desta terminologia antes da publicação da Exortação Apostólica.

⁹ cf. Propositio 3^a, D.

Entre nós, na Congregação, o uso de termos tão significativos possui há tempo uma valência pacífica, como se pode ver na circular de '92.¹⁰

¹⁰ ACG 342.

A importância do monaquismo

A consideração teologal da Vida Consagrada em si mesma determina a autenticidade de sua natureza, e orienta nossa busca em referência ao primeiro modelo histórico. Deve-se certamente reconsiderar com cuidado a relação que se costuma fazer de todas as formas de Vida religiosa com o monaquismo. Não se trata de tirar dessa forma clássica de “Vida religiosa” a sua importância histórica e o seu influxo objetivo. O monaquismo oferece, sem dúvida, uma praxe aprovada em linhas substanciais, naquilo que deve ser uma concreta Regra de vida.

No Sínodo havia uma qualificada presença monástica, que ofereceu intervenções de grande valor; havia monges do Oriente e do Ocidente, também monges ortodoxos. Pôde-se apreciar o seu extraordinário testemunho de consagração e a sua eficácia na evangelização ao longo dos séculos, admirando os profundos aspectos de seu estilo de vida.

Alguém, entre os padres sinodais pertencentes a formas de vida apostólica, teve até mesmo receio de que o peso destes valores monásticos pudesse desequilibrar o significado global do Sínodo. Na realidade, a contribuição dos monges foi enriquecedora, fazendo ver que as Regras de vida dos vários Institutos de Vida Religiosa têm, de fato, uma particular ligação com os fortes valores e as grandes tradições da vida monástica. Por isso, também na “Mensagem” sinodal, desejou-se reservar um parágrafo ao monaquismo oriental: “os Padres

do deserto e os monges do Oriente expressaram a 'espiritualidade monástica, que depois se estendeu ao Ocidente'. Ela é nutrida pela lectio divina, pela liturgia, pela oração incessante e é vivida na caridade fraterna da vida comum, na conversão do coração, na separação da mundanidade, no silêncio, nos jejuns e nas longas vigílias. A vida eremítica floresce ainda hoje ao redor dos mosteiros. Esse patrimônio espiritual forjou as culturas dos respectivos povos e, ao mesmo tempo, foi por elas inspirado".¹¹

¹¹ Mensagem VII.

Afirma-se em uma das *Propositiones* (6^a) que se têm em grande estima "os elementos originários do monaquismo das Igrejas orientais, ou seja: a imitação da kénosis do Verbo, que constitui a raiz do monaquismo oriental; a transformação em imagem de Deus, ou deificação; a renúncia; a vigilância; a compunção; a tranqüilidade; a oblação total de si e de tudo que se lhe refere em holocausto perfeito".

É interessante notar que no Oriente e entre os Ortodoxos jamais existiu outra forma de Vida religiosa que não a monástica. Existe ali uma praxe secular de radicalidade na seqüela de Cristo; ali existe uma especial capacidade de diálogo ecumênico entre os vários mosteiros; ali existe uma grande possibilidade de influxo sobre toda a Igreja local, mesmo porque entre os melhores monges costumam ser escolhidos os membros da Hierarquia.

Nós, em nossa vida consagrada apostólica, olhamos antes de tudo para as origens apostólicas, mas não podemos prescindir de aprender da vida monástica o senso de escuta contemplativa, as exigências concretas da kénosis, o exercício da vigilância, o empenho da vida comum com o papel vital da autoridade e o estilo da oblação total de si; precisamos revalorizar nas pessoas

e nas comunidades a dimensão ascética: urge - como já recordamos em outra ocasião - saber vigiar, cingidos os rins e as lâmpadas acesas!¹²

¹² cf. ACG 348, abril-junho 1994.

A mulher consagrada

As mulheres consagradas são, na Igreja, muito mais numerosas que os homens consagrados: constituem 72,5 por cento. Contam-se mais de 3.000 Institutos femininos de direito pontifício ou diocesano. E se deve observar que hoje, entre os sinais dos tempos, surgiu muito viva a promoção da mulher, embora marcada em alguns ambientes por formas de feminismo desviante. Significativo, por isso, que no Sínodo se tenha refletido bastante sobre a dignidade da mulher consagrada, sublinhando antes de tudo a sua multiforme capacidade de manifestar ao povo o rosto materno da Igreja, mas também de reconhecer-lhe um papel mais adequado nas responsabilidades eclesiais.

A “Mensagem” sinodal afirma que: “As mulheres consagradas devem participar mais, nas situações que o requeiram, das consultas e da elaboração de decisões na Igreja. A sua participação ativa no Sínodo enriqueceu sobretudo a reflexão sobre a Vida Consagrada e sobre a dignidade da mulher consagrada e sua colaboração na missão eclesial”.

Pela primeira vez em um Sínodo puderam intervir, durante seis minutos, os ouvintes e as ouvintes, entre os quais estavam também representantes de Igrejas protestantes. Foram escutados em aula belíssimos testemunhos das ouvintes, algumas desejando um mais adequado empenho de responsabilidade, mas na maior parte manifestando a especial disposição interior do coração e a heróica sensibilidade no serviço aos necessitados. Particularmente comovente a

intervenção de Madre Teresa de Calcutá em uma “audição” (exposição especializada de um tema pelo espaço de 15 a 20 minutos).

Irmã Stéphanie-Marie Boullanger iluminou, em sua intervenção, “a sensibilidade (das consagradas) diante das realidades da criação, o seu senso inato de vida, de senso de escuta, de respeito pela pessoa, de diálogo, que lhes permitem instaurar relações humanas autênticas e serem instrumento de comunhão”. O Bispo de Bordeux recordou que as mulheres consagradas possuem o carisma comum da feminilidade orientada para Cristo em vista da fecundidade da Igreja; a consagração delas, disse, “sustenta a consagração de todos os membros do Povo de Deus”.

O testemunho evangélico feminino, a capacidade contemplativa, a intuição e a delicadeza, a facilidade de diálogo e a coragem de responder aos desafios mais exigentes, constituem um dos aspectos mais significativos e relevantes no Povo de Deus. É verdade que, em tempos passados, recordou a Ir. Boulanger, o modo de vida e de ação delas em geral dependeu muito dos homens; a partir do Vaticano II, porém, várias portas foram abertas.

Os sinais dos tempos exigem hoje, também na Igreja, uma revisão desta situação, reconhecendo a dignidade e as riquezas femininas próprias das mulheres consagradas e dando-lhes maior confiança e espaços de responsabilidade. Certamente um dos frutos do Sínodo será o de abrir a Igreja para esta novidade dos tempos com mais convicção e concretidade.

Isso tudo fez-me pensar em nossas responsabilidades e modalidades de animação na Família Salesiana. Existem nela vários grupos de mulheres consagradas; pensamos de modo particular nas FMA. Depois do Vaticano II enten-

deu-se melhor a importância de sua mais justa autonomia. Isto solicita nelas crescimento de responsabilidade e em nós compreensão e conversão à eclesiologia conciliar.

Trata-se de profundas mudanças de mentalidade, para elas e para nós; nem sempre é fácil caminhar com rapidez e verdade.

O problema é um pouco o seguinte: uma autonomia não adequada poderia anuviar a comunhão, que é o aspecto mais importante; a autonomia, com efeito, não é a meta final; ela é um horizonte desejável para apontar validamente para a meta final, que é justamente a “*Comunhão*”: *justa autonomia em vista de uma mais autêntica comunhão!* Comunhão que não é só aquela eclesial ampla, mas que se concentra para nós no carisma comum, legado a nós por Dom Bosco como dom precioso à Igreja para a evangelização da juventude, sobretudo pobre e popular.

O Sínodo deve-nos empenhar com mais inteligência e eficácia na consecução desta *comunhão de Família*.

Apraz-me recordar aqui o que Madre Ersília Canta escreveu por ocasião do centenário da morte de Madre Mazzarello: “Se pensarmos no profundo significado que tem na revelação o binômio ‘homem-mulher’, parecer-nos-á mais perfeita uma Família espiritual composta dessa forma... (De fato), nas grandes Famílias espirituais, a começar pela de S. Agostinho e de sua irmã (não nomeada, mas que deu início, com algumas companheiras, à experiência feminina da Regra agostiniana), e em seguida com S. Bento e S. Escolástica, S. Francisco de Assis e S. Clara, e outras santas duplas de fundadores, a presença da complementaridade feminina é sinal de uma peculiar plenitude e importância do carisma, de sua longevidade fecunda e de sua riqueza de contribuições à missão da Igreja.

Sendo verdade, isso tudo quererá dizer que a contribuição feminina de S. Maria Domingas Mazzarello e do

espírito de Mornese ao carisma salesiano apenas começou no passado e deve crescer no futuro”.¹³

A plena dignidade dos Religiosos “Irmãos”

Tratando da vida religiosa masculina, várias intervenções colocaram em relevo a figura do assim chamado religioso “irmão”;¹⁴ melhor, em uma das audições o Irmão Pablo Basterrechea, ex-Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, apresentou particularmente “a vocação do Irmão nas Congregações laicais, clericais ou mistas”.

O assunto em si mesmo serviu para iluminar a maneira correta de conceber a natureza própria da Vida Consagrada. Circula, com efeito, em muitos ambientes (mesmo entre os Pastores) uma concepção superficial da Vida Consagrada masculina; ela é identificada com a do monge ou do religioso-padre e facilmente se coloca a do “irmão” em um nível inferior, esquecendo qual é a fonte, a dignidade e a vitalidade da Vida Consagrada enquanto tal, para todos. O fato de ter concentrado a atenção na figura dos “Irmãos” significou levar a sério o enraizamento batismal de toda Vida Consagrada: a grande dignidade para todos de participar de modo peculiar do sacerdócio, da profecia e da realeza de Cristo. Este é o fruto maior da iniciação cristã (Batismo e Crisma) intensificada pela nova consagração carismática através da profissão dos conselhos evangélicos.

Partem daqui as contribuições espirituais específicas para os empenhos da própria missão, também daquela ministerial do padre, enriquecida pelos dons da ordenação. Por isso insistiu-se sobre a indispensabilidade

¹³ ACG 301, julho-setembro 1981, Redescobrir o espírito de Mornese, p. 67-68.

¹⁴ NB: Este é o termo que os padres sinodais quiseram usar para evitar a terminologia ambígua de Institutos “laicais” e de consagrados “leigos”; cf. Propositio 8ª.

de uma profunda e integral formação para todos na comum dignidade e responsabilidade dos consagrados.

É um pena, porém, que no Sínodo sequer se tenha acentado à delicada e complexa problemática do *religioso-padre*. Quem sabe os tempos ainda não sejam maduros e haja necessidade, antes, de ulteriores pesquisas doutrinárias. O fato, porém, que existam Institutos propriamente “clericais” (ou seja, vinculados de forma característica ao sacerdócio ministerial, como, por ex., a Companhia de Jesus), nos quais este aspecto é constitutivo da índole própria e do tipo da peculiar missão a realizar, levou pelo menos a não reunir os Irmãos de todos os Institutos em um único tipo, em vista de uma eventual revisão.

Vários padres sinodais, sobretudo da corrente franciscana, insistiram no aspecto da assim chamada “paridade jurídica” dos Irmãos em referência ao exercício da autoridade. Fizeram-se, porém, algumas precisões (eu mesmo entreguei uma intervenção escrita a respeito) para maior esclarecimento daquilo que se entendia pedir para o futuro, levando em conta a especificidade de cada carisma.

Nesta linha, entre as *Propositiones* a serem apresentadas ao Santo Padre existe uma (10ª) que, antes de tudo, pede o reconhecimento oficial de alguns Institutos masculinos que possam ser chamados de “mistos” (dos quais nada se diz no cânon 588 do Código). Nesses Institutos deveria ser clara a vontade do Fundador de não ver que influencie na índole própria do Instituto a diferença entre “padres” e “não-padres”; e, depois, nesses Institutos - por determinação dos próprios Capítulos Gerais - que o acesso ao exercício da autoridade em todos os níveis possa ser aberto a todo tipo de membros. (É de se esperar a resposta - que podemos crer positiva - aprovada pelo Santo Padre).

O que conta de fato em todo este problema é a plena dignidade, a formação integral, a indispensabilidade e o correspondente papel de responsabilidade da figura do Irmão, na fidelidade ao Fundador e à índole própria do seu carisma.

Deste ponto de vista emerge a importância da índole própria de cada carisma. O tipo de missão de acordo com o projeto do Fundador deve interessar a todos os membros: cada um entra no Instituto para colaborar com todas as forças - ainda que com modalidades diversas e complementares - para a realização da missão específica comum a todos.

As nossas Constituições apresentam-nos autorizadamente o respectivo trabalho feito a respeito nos grandes Capítulos pós-conciliares. Trata-se de perceber sua originalidade e beleza em favor de uma pastoral juvenil que reúne sob o primado da caridade pastoral um tipo de evangelização dos jovens que incorpore também a promoção humana e a cultura: sempre com intencionalidade pastoral.

A inserção na Igreja particular

Os Bispos afirmam na “Mensagem” sinodal, que “em espírito de fraternidade, entre outras dificuldades encontramos a da necessária integração das comunidades e pessoas de Vida Consagrada nas Igrejas particulares”.¹⁵

¹⁵ Mensagem V.

É um dado de fato que a eclesiologia do Vaticano II promoveu a importância da Igreja particular ou local; e é também um dado de fato que, infelizmente, nem sempre os Institutos “isentos” assumiram com generosidade, em harmonia com o próprio carisma, as co-responsabilidades concretas da pastoral local. Igualmente os Pastores nem sempre consideraram os Institutos de Vida

Consagrada como verdadeiros carismas para suas Igrejas locais.

Já o documento *Mutuae relationes* (no n. 22) havia sublinhado a renovação trazida pelo Concílio a respeito do conceito de “isenção”.

É neste esforço de genuína inserção que se realiza de forma concreta o “*sentire cum Ecclesia*”, na fidelidade ao magistério do Papa e dos Bispos, em solidariedade de empenho pela Nova Evangelização, em comunhão operativa ao redor do Bispo, com o clero, com os leigos e com os outros consagrados do território.

A atenção apostólica ao território concreto onde se realiza a própria missão leva a considerar com maior interesse da parte dos pastores e dos fiéis os diversos carismas como dons preciosos para a Igreja.

A Propositio sinodal 29,2 sublinha a importância para os consagrados de mais profundo conhecimento da teologia da Igreja particular para pôr a serviço dela o próprio carisma, e para os Bispos, para o clero e para os leigos a urgência de conhecer de verdade e de estimar os grupos de Vida consagrada a fim de lhes dar espaço nos projetos pastorais e nos programas de ação.

Recomenda-se, a respeito, o válido funcionamento da “Comissão mista” entre Bispos e Superiores maiores e também o recíproco intercâmbio de delegados entre as Conferências episcopais e as Conferências de superiores.

Para nós, o empenho desta inserção leva a pensar também na maior comunhão operativa que devemos fazer crescer em um território que vê presentes vários grupos da Família Salesiana.

O empenho na missão vai mais além de cada obra e impele-nos não só a formar leigos cooperadores, como também e sobretudo a saber criar novas iniciativas com

um empreendimento particularmente sensível às necessidades da Igreja local.

Uma inserção assim vivida servirá para testemunhar a vantajosa inclusão da Igreja universal na particular, como dizia o documento *Mutuae Relationes*: “Os Bispos certamente saberão reconhecer e muito apreciarão a contribuição específica com que os consagrados virão em ajuda às Igrejas particulares, em cuja isenção encontram de certo modo também uma expressão daquela solicitude pastoral que os une estreitamente ao Romano Pontífice pelo diligente cuidado universal por todos os povos”.¹⁶

¹⁶ *M u t u a e
Relationes 22.*

Os desafios da Nova Evangelização

Deu-se no Sínodo uma importância especial à “missão” em relação aos desafios atuais e à urgência de novas ou renovadas formas de apostolado.

Neste sentido pediu-se antes de tudo aos consagrados que saibam analisar os desafios com ótica teológica. Não basta descrever sociologicamente (mesmo sendo certamente útil) as diversas situações de novidade ou de injustiça ou de urgência.

Os desafios não constituem simples dados estatísticos, mas devem ser considerados como interpelações de Deus que vai demonstrando com estes sinais determinadas exigências aos vários carismas. Há necessidade de uma *pedagogia dos sinais dos tempos*, já indicada no Concílio, que faça descobrir nas situações de fato a voz do Senhor que encaminha para novos areópagos.

O mesmo Espírito Santo guiou os Fundadores neste sentido. Confiando no Espírito será bom cultivar a audácia da criatividade.

Os padres sinodais propuseram igualmente uma criteriologia que seja um momento oportuno para discernir os desafios. Eis os pontos considerados:

- consciência clara das interpelações feitas pelo Espírito à missão da Igreja;
- determinação cuidadosa das prioridades a serem privilegiadas nas respostas;
- competência suficiente, em fidelidade dinâmica ao carisma do Fundador;
- comunhão sincera com outros agentes eclesiais empenhados no mesmo campo;
- consideração atenta dos homens de boa vontade empenhados na renovação da sociedade.

Além da *pedagogia dos sinais*, a Nova Evangelização supõe outras exigências importantes de mudança de mentalidade.

Antes de mais nada, diga-se que também na assim chamada “primeira evangelização” há necessidade de uma verdadeira mentalidade “nova” adaptada, decerto, às várias culturas dos povos: também na “primeira” existe, hoje, uma “nova evangelização”. Entre os elementos desta mentalidade no Sínodo foram sublinhados alguns aspectos de especial atualidade.

Primeiro entre todos, um esforço de *inculturação* que saiba cuidar ao mesmo tempo da capacidade de perceber e promover “os sinais do Verbo” nas diferentes culturas, e perspicácia e coragem crítica para individuar e corrigir os eventuais e infalíveis desvios, mesmo se ancestrais.

Como também “o interesse pelo *diálogo ecumênico* e também *inter-religioso*, que é um dos ardentes desejos do Sínodo dirigido aos consagrados em seus diferentes países”.¹⁷

¹⁷Mensagem VIII.

Deve-se em seguida privilegiar a *competência educativa*, que toca justamente o coração de toda cultura, relacionando evangelização e promoção humana. Em uma das *Propositiones* os padres sinodais recomendam o *apostolado da educação*, chamando para esta prioridade os Institutos que possuem este carisma e para ele preparando também muitos leigos. O Sínodo reconhece a importância e a atualidade da Escola católica, das Universidades e Faculdades católicas sem se esquecer de iniciativas e empenhos que ultrapassam a educação formal.¹⁸

¹⁸ Propositio 41.

A *comunicação social* é um areópago importante ao qual é preciso dedicar-se com sempre maior competência¹⁹ em sintonia e colaboração com a Igreja local, tendo a preocupação de preparar um maior número de pessoas competentes.

¹⁹ Propositio 44.

Importância especial foi reservada à *missio ad gentes*, que constitui a ponta de diamante de toda evangelização e que viu e vê Institutos de Vida Consagrada em primeira fila com heróica generosidade, não só os dedicados especificamente às missões, como também todos os demais que realizam com coração missionário a própria vida de oração e de trabalho, como admiravelmente testemunhou S. Teresinha de Lisieux.

O primado urgente da “vida no Espírito”

Na circular de '92 citada anteriormente, falávamos de grandes “metas em aberto” e colocávamos na primeira fila a “vida no Espírito”; à questão, depois, sobre o que esperávamos do Sínodo, respondíamos que era de se esperar uma renovada presença do mis-

tério de Cristo no mundo, intensificando o empenho para debelar a perigosa superficialidade que danifica a vitalidade do carisma. O Sínodo veio justamente para proclamar a todos os consagrados o urgente primado desta vida no Espírito.

O Card. Hume, em sua primeira relação em aula, afirmou que “o primeiro grande desafio feito à Vida consagrada diz respeito à *espiritualidade*, justamente porque é o seu coração, e indica a contribuição prioritária (dos consagrados) à Igreja. Com ela indica-se a relação pessoal com Cristo através da seqüela, o primado dado a Deus através da consagração, a disponibilidade à ação do Espírito. Ela exprime-se na contemplação, na oração, na escuta da Palavra de Deus, na união com Deus, na integração das diversas dimensões da vida pessoal e comunitária, na observância fiel e alegre dos votos”.²⁰

²⁰ Relatio ante discepcionem.

Toda Vida consagrada está enraizada na espiritualidade e jamais poderá prescindir dela; e o tipo peculiar da própria espiritualidade é importante também para tantos outros.

Um pouco em todo lugar, também nas outras religiões e na variada busca religiosa, o tema da espiritualidade apresenta-se hoje como uma das mais importantes frentes da missão.

O fato que o Sínodo tenha sublinhado a distinção entre natureza teológica da Vida consagrada e suas formas institucionais nos séculos serve para acentuar com maior clareza ainda a centralidade do mistério de Cristo e a participação de sua santidade.

Deve-se referir a prática dos conselhos evangélicos a uma profunda e quotidiana amizade pessoal e comunitária com Cristo para se tornarem de fato sinais e portadores do seu amor. A espiritualidade de toda Vida consagrada, embora diferenciada entre os numerosos carismas, consiste em saber testemunhar um estilo de vida que torne visível, hoje e aqui, o estilo de vida de Cristo obediente, pobre e casto; um estilo intimamente vinculado, ou melhor, que brota daqueles dinamismos profundos da *filiação divina* que preenchem o consagrado do absoluto de Deus.

As *Propositiones* apresentadas ao Papa prolongam-se neste tema, porque considerado vital e o mais significativo da consagração. Sublinham a importância de garantir o primado deste aspecto na formação, adequando o aprofundamento de cada um dos conselhos evangélicos também às novidades e diferenças culturais hoje em evolução. Precisam também alguns dos principais meios a serem seguidos para isso; são eles:

- centralidade da celebração da Eucaristia e liturgia das horas;
- frequência do sacramento da reconciliação e revisão de vida;
- retorno às fontes do Evangelho e ao espírito do Fundador;
- “lectio divina” na escuta da Palavra de Deus;
- capacidade de comunicar as riquezas do mistério de Cristo aos fiéis.²¹

O esforço quotidiano de intensificar este exercício de “vida no Espírito” leva-nos a sublinhar o aspecto pneumatológico de toda espiritualidade. É preciso

²¹ Propositio 15, B.

redescobrir a missão da Pessoa-Dom da Trindade, que é protagonista da consagração e está presente para levar-nos a Cristo, o concebido do Espírito Santo, e nEle levar-nos ao Pai. O Espírito é a alma da renovação de toda espiritualidade; sua presença e ação misteriosa, iniciada no acontecimento da consagração por ocasião da profissão dos conselhos evangélicos, leva a uma relação íntima, pessoal e comunitária, com Cristo, Amigo e Senhor. A reciprocidade de amizade com Cristo amadurece aquela conversão de mentalidade e de vida que nos faz testemunhas especiais da santidade da Igreja na órbita apostólica traçada pelo Fundador.

A intimidade com o Espírito Santo, que é Amor, e a docilidade a suas inspirações, ou seja, a nossa vida inteira que palpita espiritualmente no coração, leva-nos às origens quer do mistério da Encarnação como do carisma do Fundador; recorda-nos que justamente no Espírito começou o papel de Maria, mãe e modelo da Igreja; recorda-nos também que a santidade na Igreja é obra do Espírito Santo; Ele, por isso, permeia e guia os consagrados na fermentação da missão de todo o Povo de Deus.²²

²² NB: Vale a pena reler a encíclica *Dominus et Vivificantem*.

Este primado da vida no Espírito, hoje tão urgente, leva também a fazer da Vida consagrada um centro dinâmico de difusão da espiritualidade. Na relação citada, o Card. Hume afirmava explicitamente que “este é um campo a ser cultivado com atenção, às vezes a ser semeado sabendo ver longe. Não seria oportuno multiplicar *escolas de espiritualidade*, em que se transmita não só o ensino da doutrina, mas se dê prioridade à iniciação e à experiência? A espi-

ritualidade do Instituto poderia irradiar melhor não só entre os próprios membros, mas também na Igreja, que foi sempre enriquecida e renovada pelas espiritualidades dos santos e das famílias religiosas”.²³

Dessa forma o Sínodo reforça a caminhada de nossa renovação, da primeira “meta em aberto”²⁴ para crescer no futuro: garantir que o espírito de Dom Bosco seja vivo nas pessoas e nas comunidades, e se difunda com vigor e autenticidade para além de nossas casas.

Neste sentido, o Movimento juvenil salesiano tem como alma de vitalidade uma espiritualidade juvenil inspirada em Dom Bosco; e a comunhão e envolvimento de inúmeros leigos (tema do CG24) têm como prioridade a ser garantida com descortino justamente a difusão da espiritualidade apostólica salesiana.

Devemos agradecer ao Sínodo por este seu autorizado impulso de mostrar-nos o núcleo central onde o futuro explode com vitalidade.

A força da vida fraterna em comunidade

A dimensão da comunhão de vida fraterna - insistiu-se no Sínodo - é um empenho necessário em todos os institutos de Vida Consagrada, mesmo quando os membros não vivem em comunidade, como nos Institutos seculares. Para as *Congregações “religiosas”*, porém, é uma comunhão vivida em comunidade: constitui para elas uma característica própria e distintiva. Cada Instituto religioso, com efeito, é sempre estruturado, embora com modalidades diversas, por uma concreta vida fraterna em comunidade. O Sínodo explicitou-o, recomen-

²³ Relatio ante disceptationem 19.

²⁴ ACG 342.

dando também o estudo do recente documento vaticano *A vida fraterna em comunidade*.

O Card. Hume em sua já citada relação considera este como o “segundo grande desafio da Vida Consagrada”;²⁵ ela compreende também a consideração e o reto exercício do indispensável serviço da autoridade.

²⁵ Relatio ante disceptationem 20.

A força da vida fraterna em comunidade manifesta-se antes de tudo com o testemunho de comunhão na convivência, que é um dos aspectos de que têm mais nostalgia a família e a sociedade de hoje.

Sublinhou-se a interdependência entre vida fraterna e fidelidade à prática dos conselhos evangélicos.

Valorizou-se a sua validade e eficácia sobretudo nas situações de opressão e de totalitarismo que irmãos e irmãs puderam experimentar positivamente apesar das gravíssimas dificuldades.

Sua força projeta-se, particularmente, na maior eficácia e criatividade da evangelização; a comunidade aparece como o verdadeiro sujeito de missão que multiplica as energias apostólicas num projeto comum.

Uma comunidade que se faz escola de formação permanente, consciente também dos limites de cada um dos membros, da necessidade de paciência e de perdão, de consciência que a comunidade está sempre em construção, porque comunidade perfeita será somente a escatológica na comunhão dos santos. Uma comunidade que exprime e vive a si mesma, antes de tudo na celebração da Eucaristia, e que sabe demonstrar a “espiritualidade da comunhão” no intercâmbio de dons no interior da Igreja local, com disponibilidade de colaboração, com sinceridade no diálogo, com busca de harmonia e de unidade, com relações recíprocas com os demais membros da Igreja.²⁶

²⁶cf. Propositiones 28, 29, 31, 32, 33, 34.

A alegria do testemunho comunitário é também portadora de fecundidade vocacional para garantir à Igreja o futuro do próprio carisma.

Conclusão

Muitos outros aspectos importantes foram tratados no Sínodo; esta nossa reflexão limita-se a alguns dos mais significativos para nós.

Foi belo e estimulante, no entanto, ver confirmadas e aprofundadas as linhas diretivas próprias do nosso processo de renovação: não caminhamos em vão, melhor ainda, caminhamos pela estrada certa.

Da celebração deste Sínodo devemos dizer que foi de fato um acontecimento de Igreja para o futuro, um verdadeiro momento de graça, ou, como expressou-se o Santo Padre: “uma experiência de Pentecostes. Sentia-se a ação do Espírito presente com sua incessante obra que dá à Igreja tantos carismas de Vida Consagrada. Dele participando se era levado progressivamente para aquilo que há de mais íntimo na vida da Igreja: o seu chamado à santidade”.²⁷

Isto quer dizer, queridos irmãos, que agora estamos mais que iluminados sobre o que constitui a nossa identidade na Igreja e que nossa busca e nossos empenhos devem voltar-se com todas as forças a fazer-nos caminhar para aquelas “metas abertas” que aparecem ainda incompletas no horizonte de nossa renovação.

Tanto a educação dos jovens na fé (CG23), como o envolvimento de muitos leigos no espírito e na missão de Dom Bosco (CG24) exigem que concentremos nos-

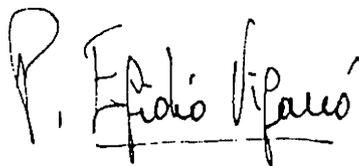
²⁷ 29 de outubro, palavras do Papa no almoço conclusivo.

A Virgem Maria ajude-nos a fazer frutificar em nós, com alegria e consciência, os múltiplos dons deste Sínodo e disponha-nos a acolher com propósitos de vida a desejada Exortação apostólica com que o Sucessor de Pedro nos oferecerá autorizadamente a carga pentecostal deste acontecimento de graça.

Aproveito para apresentar a todos os mais fraternos votos para o novo ano em caminho: Dom Bosco nos guie e estimule.

Cordiais saudações.

Com afeto no Senhor,



P. Felício Viqueiro

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA E ARQUIVOS

O Secretário geral

1. Uma documentação preciosa

Aqueles que visitam nossas Casas Gerais, tanto a dos SDB como a das FMA, e igualmente nossas casas mais antigas, ficam *admirados com a quantidade e o valor do material documental*, que atestam as origens e os primeiros desenvolvimentos de cada casa e obra e da própria Congregação e Família Salesiana. Pensamos, particularmente, nos arquivos históricos centrais - dos SDB e das FMA - mas também em alguns arquivos junto às casas de tradição mais antiga e gloriosa, tanto em terra das origens do Fundador, como - de modo todo especial - nos lugares das primeiras missões salesianas.

Desta riqueza de documentação colhe-se a convicção do *grande interesse de nossos primeiros irmãos e irmãs* pela coleta de tudo que pudesse servir para nós transmitir a história das origens e pelo cuidado pessoal - sem economia de tempo - de documentar (com escritos, desenhos, fotografias, e outros meios) os acontecimentos de maior relevo e interesse. Impressiona sempre, por exemplo, considerar a grande mole de documentação escrita e recolhida pelos missionários da primeira hora, que sabiam encontrar tempo - mesmo em meio a graves problemas e com inúmeros compromissos - para escrever crônicas ou para enviar cartas.

É um material realmente precioso que *atesta os dons do Espírito*, que o Fundador nos transmitiu e são por nós conservados e desenvolvidos. --

2. Alguns testemunhos de nossa tradição

É possível falar de uma “*tradição salesiana*” sobre o cuidado da documentação histórica, de sua tempestiva e ordenada coleta como de sua adequada conservação. Afirmo o Reitor-Mor: É uma antiga tradição salesiana - escreve - aquela de ter um cuidado particular pela conservação do material documental da Congregação (cf Carta ao Secretário geral, ACG 324, pp. 48-49). Essa tradição - como dizia - enraíza-se no empenho dos primeiros Salesianos e das primeiras FMA. Mas acertadamente fazemos a tradição referir-se ao espírito e ao pensamento mesmo de Dom Bosco, que não só estava no centro da vida do Oratório e da nascente Congregação, mas - estimulado pelos Pontífices - preocupou-se pessoalmente em transmitir a seus filhos e filhas a memória daquilo que o Senhor lhe tinha inspirado.

Sobre isso pode ser útil ler o que Dom Bosco escreveu preparando-se para atuar a sugestão do Papa Pio IX, de deixar documentadas para os seus as memórias do primeiro Oratório. Acrescentou-se agora - escreve Dom Bosco - uma ordem pessoal de suma autoridade... por isso vejo-me aqui a expor as pequenas coisas confidenciais que podem servir de luz ou ser de utilidade para a instituição que a divina Providência dignou-se confiar à Sociedade de São Francisco de Sales... *Para que portanto poderá servir este trabalho?* Servirá para superar dificuldades futuras, tomando lições do passado; servirá para mostrar como Deus guiou pessoalmente cada coisa durante todo o tempo; servirá ao menos de entretenimento para os meus filhos, quando poderão ler as coisas vividas por seu pai, e as lerão com muito gosto quando, chamado por Deus a dar contas de minhas ações, já não estarei com eles (Memórias do Oratório, cap. 1ª).

Vê-se bem o que pretendia Dom Bosco ao escrever as “Memórias”, e mais em geral ao cuidar da documentação para a história da Congregação.

O interesse pela documentação histórica evidencia-se particularmente no *cuidado pelos arquivos*. Podemos encontrar nas Memórias Biográficas algumas confirmações tanto da existência dos arquivos como do esforço, que se foi consolidando aos poucos no Oratório, de conservação dos documentos sobre Dom Bosco e a história salesiana.

Dessa forma, por exemplo, no vol. VIII das MB, cap. III (pp. 24-26), o biógrafo fala expressamente de “documentos conservados nos arquivos” e apresenta detalhadamente alguns destes documentos. Igualmente à pág. 868 do mesmo vol. VIII, o autor das MB fala de “autógrafos” de Dom Bosco, conservados nos arquivos (Os arquivos possuem mais de um milhar destes caros autógrafos) e à pág. 921 do mesmo volume diz explicitamente que, para escrever as Memórias, ele se serviu de apontamentos pessoais recolhendo pouco a pouco os documentos conservados nos arquivos.

Isso tudo vem confirmar não só a existência de “arquivos”, mas sobretudo o cuidado que os primeiros Salesianos tinham de conservar nesses arquivos a memória histórica de seu Pai e os acontecimentos iniciais da Sociedade e da Família Salesiana.

São muito características as palavras do Pe. Rua trazidas no vol. XII das MB, pág. 380, que refletem a preocupação de conservar todos os documentos de Dom Bosco para a história da Congregação e para utilidade de todos. Ao Pe. Vespignani, que pedia ao Pe. Rua para poder conservar um pequeno autógrafo de Dom Bosco como relíquia, o Pe. Rua responde: O que estás dizendo? Não sabes que *qualquer pequeno escrito de Dom Bosco é conservado zelosamente nos arquivos da Congregação?* Tanto mais que isso vem a ser o código da vida salesiana.

Merece um aceno especial o interesse pelas *crônicas das casas* (sobre o que já falamos em outro número dos Atos do Conselho: cf ACG 234, pp. 50-56). Em várias ocasiões Dom Bosco fala do cuidado que cada Diretor deve ter no recolher e escrever ou fazer escrever a “crônica” da própria casa.

É interessante ouvir de novo quanto Dom Bosco diz aos Diretores nas conferências de 1876, recordadas acima, e que o Pe. Barberis anota em sua pequena crônica. *O Fundador não só insiste sobre o empenho de fazer a crônica, como também dá normas concretas sobre os conteúdos*; fala, ao mesmo tempo, da importância de as crônicas chegarem a Turim, para conhecimento dos Superiores e para a história da Congregação. Eis algumas palavras de Dom Bosco, sempre atuais, como foram conservadas pelo Pe. Barberis: O que é muito urgente, e que será bom fazer o mais rápido possí-

vel, é que cada Diretor escreva sumariamente a história do próprio colégio, desde sua fundação até hoje e, prosseguindo, registre em forma de crônica ou de anais todas as coisas mais importantes, que acontecem em seu colégio. [...] Depois, de ano em ano, cada Diretor faça copiar esta crônica num outro grande livro, bem copiado, e esta cópia fique sempre nos arquivos do colégio, e a medida que se complete um caderno, o original, ou uma outra cópia, seja mandado a Turim, para que os Superiores conheçam bem o andamento de todos os colégios e possam ter uma norma e uma história de toda a Congregação... (MB XII, 68-69).

O assunto retorna nas conferências de 1877 (cf MB XIII, 69) e, de forma ainda mais explícita, no 1º Capítulo Geral do mesmo 1877.

Isso tudo revela-nos o pensamento de Dom Bosco e o empenho que se vivia no Oratório, que em seguida foi transmitido às demais casas e obras, tanto da Sociedade de São Francisco de Sales como do Instituto das FMA.

3. A realidade do arquivo salesiano central

Um dos frutos mais preciosos do empenho dos primeiros Salesianos a respeito da documentação histórica, colhido em Dom Bosco e transmitido aos sucessores, foi certamente o *arquivo salesiano central*, criado de início no Oratório de Valdocco e, depois, transferido a Roma junto à Casa Geral. "uma grande riqueza para a Congregação e para toda a Família Salesiana, e representa a fonte primeira para pesquisas e estudos sobre a história de nossas origens. Riqueza análoga é representada pelo arquivo central do Instituto das FMA.

O arquivo salesiano central contém os mais importantes documentos de nossa história salesiana: antes de tudo a história da Congregação em seu conjunto, a partir de suas origens, depois a história dos desenvolvimentos, e portanto - ao menos em parte - os mais importantes que dizem respeito à presença salesiana nos diversos países, Inspetorias e Casas, onde a Congregação se encarnou.

Do ponto de vista dos conteúdos, o arquivo histórico salesiano foi dividido e catalogado, desde o início, segundo os períodos históricos e os Reito-

res-Mores que guiaram a Sociedade e a Família Salesiana: fala-se, com base nesta divisão, de 'fundo Dom Bosco', 'fundo Dom Rua', etc...

Particularmente importante para nós o '*FUNDO DOM BOSCO*', o primeiro que foi cuidado e estudado, e certamente o mais precioso entre todos: compreende tudo o que se refere ao nosso Pai Dom Bosco, aos inícios da Congregação e da Família Salesiana. Trata-se no conjunto de quase 30.000 documentos - dos mais modestos aos mais significativos - que também foram microfilmados, para mais segura conservação.

Justamente para valorizar mais o arquivo, providenciou-se, nestes últimos anos, uma adequada reestruturação dos locais, enquanto se está procedendo a um novo trabalho de catalogação - segundo um "Titulário" renovado - com o uso do computador. Recorde-se, porém, principalmente que o Reitor-Mor aprovou um novo 'regulamento' do arquivo que dá normas concretas sobre a organização do arquivo, o pessoal encarregado, o depósito e a conservação dos documentos, e além disso, regula o acesso ao arquivo aos pesquisadores e estudiosos que desejam consultá-lo (cf ACG 314, pp. 50-56).

4. Um compromisso a ser mantido vivo

Passa agora para nós o compromisso dos primeiros salesianos: somos, de fato, chamados a continuar o trabalho iniciado por eles, a aprofundá-lo, ampliá-lo e enriquecê-lo para o hoje e para o amanhã. Está em nossas mãos sobretudo a conservação do patrimônio histórico já adquirido; mas é-nos confiada também a tarefa de fazer com que a memória da nossa Congregação seja hoje documentada, e seja assim transmitida à história.

O cuidado pela documentação histórica - atestada pela nossa tradição - por isso um "*compromisso a ser mantido vivo*"! Os motivos que moveram Dom Bosco e seus primeiros filhos são válidos ainda hoje.

E o compromisso alarga-se sempre mais, à medida que a Congregação vai se estendendo, do nível central aos níveis periféricos, isto é, do arquivo central aos *arquivos inspetoriais* e aos *arquivos locais*.

Infelizmente, nem sempre - ao menos no que se refere a algumas realidades locais - pode-se dizer que este empenho esteja presente e vivo

em todos... É preciso *crescer na mentalidade histórica*, superando as dificuldades que freqüentemente são sublinhadas em relação ao muito trabalho, que impede de dedicar-se a refletir e a escrever. Entre outras coisas, a necessidade hoje de dedicar maior atenção à história da Congregação nos diversos ambientes evidencia de forma muito clara a importância dos arquivos inspetoriais.

Os nossos *Regulamentos Gerais*, recolhendo a tradição, dão orientações precisas sobre o empenho que deve ser colocado no cuidado da documentação nos vários níveis. Baste recordar os artigos de Regulamento que se referem a isso.

O art. 144 das Constituições acena ao “arquivo central da Sociedade”.

O art. 159 dos Regulamentos, tratando das tarefas do Secretário inspetorial, fala explicitamente do “arquivo da inspetoria”. Mas a ele acena também o art. 62, onde se fala da “importância especial” que reveste a conservação do arquivo, juntamente com as bibliotecas e outro material de documentação, “pelo seu grande valor cultural e documental”.

O art. 178 dos Regulamentos trata, enfim, do arquivo local; o mesmo artigo fala também da importância da “crônica da casa”, ligada obviamente à documentação de arquivo.

Deve-se recordar também o art. 190 dos Regulamentos, que dá orientações sobre o “arquivo administrativo” tanto a nível inspetorial como local.

Em tema de legislação, é oportuno recordar que aos arquivos - nos respectivos níveis - podem-se aplicar, pelo menos analogicamente, as normas do Código de Direito Canônico a respeito dos arquivos da Cúria diocesana (cc. 486-491) e dos arquivos paroquiais (cc. 535-544).

Sobre o assunto arquivo pode ser também útil a circular escrita pelo Pe. Pedro Ricaldone, IV sucessor de Dom Bosco, em outubro de 1943 (cf ACS n. 120, pp. 274ss). Trago somente algumas expressões que ajudam a entender melhor a importância dos arquivos. Creio oportuno - escreve o Pe. Ricaldone - chamar novamente a vossa atenção sobre a importância dos arquivos também em nossa Sociedade. Baste considerar que, encontrando-se os Salesianos espalhados em quase todas as nações do mundo, é possível, através de uma boa sistematização de

nossos arquivos, recolher um material de valor extraordinário por muitos conceitos, do qual usufruir em seguida para vantagem de toda a Congregação e das almas confiadas ao nosso zelo.

Nossos arquivos sobretudo fornecerão, se bem organizados e atualizados, elementos e dados preciosos, ou melhor, fundamentais, para a crônica histórica da nossa Sociedade. Através de sua documentação, nossos sócios terão diante de si, não só como estímulo para novas iniciativas de zelo, o magnífico panorama das multiformes atividades salesianas, mas serão como que levados pelas mãos às mais puras fontes do espírito e da operosidade da Família Salesiana (ACS 84, p. 279).

6. Os responsáveis nos vários níveis

É claro que na atuação desta tarefa, que exige tempo e muitas vezes comporta cansaço, seja preciso que alguém - de modo particular - assuma responsabilidades nesse sentido, embora admitindo que devesse ser de todos a 'mentalidade histórica' lembrada acima.

Eis porque o próprio Dom Bosco pensou logo em responsáveis (o bibliotecário, o 'historiógrafo'), e os regulamentos confiaram depois a alguns tarefas específicas em matéria de arquivos.

Nos atuais Regulamentos, ao *Secretário geral*, em nível geral, é confiada uma tarefa específica a respeito do arquivo central (cf Const. 144). No Regulamento do arquivo central são determinadas as tarefas do Diretor do arquivo e de outros arquivistas, que colaboram com o Secretário.

Estas tarefas passam ao *Secretário inspetorial* no que respeita ao arquivo inspetorial (cf Rég. 159). Ele age em sintonia com o Inspetor, a quem compete a primeira responsabilidade também para as normas do arquivo (em analogia com o arquivo diocesano, cujo primeiro responsável é o Bispo). Mas o Secretário deve ter sagacidade e espírito de iniciativa, preocupando-se de tudo que possa servir para enriquecer a documentação inspetorial, em vista da história e em vista da transmissão ao centro de notícias e documentos, para que possam tornar-se patrimônio de todos.

Em algumas realidades - sobretudo onde existem arquivos históricos de grandes dimensões - poderá existir um *'arquivista'* distinto do Secretário inspetorial; isto porém não dispensa o Secretário de um específico e atento cuidado pela documentação da Inspetoria.

A *nível local* confia-se ao Diretor (que tem a responsabilidade primária) a incumbência de - eventualmente - escolher pessoas que cuidem da crônica, do arquivo (cf Reg. 178), da biblioteca... Mas certamente o Secretário inspetorial tem um certo papel a desenvolver também a nível local, pelo menos no sentido de estimular a coleta e conservação da documentação, e também - de modo oportuno, e segundo as normas dadas pelo Inspetor - de exercer algum controle sobre a situação da documentação local.

7. A organização do arquivo

Todo este discurso faz-nos entender o valor dos arquivos e as responsabilidades que hoje nos são confiadas.

Mas para que o arquivo (em qualquer nível: geral, inspetorial e local) chegue plenamente aos seus objetivos de oferecer uma documentação completa e acessível, é de fundamental importância *cuidar de sua organização a mais adequada possível*. Trata-se de uma tarefa precisa, especialmente daqueles que são diretamente responsáveis pelo arquivo conforme as orientações dos Regulamentos trazidas acima.

Podemos perguntar-nos em que comporte, concretamente, a organização do arquivo. É claro que o discurso é muito amplo, e é tratado em conjunto pela ciência arquivística. Não podemos fazer aqui senão um aceno a alguns elementos fundamentais que é preciso ter presentes.

a. O lugar do arquivo

Antes de mais, é preciso para o arquivo um *lugar adequado*, onde o material possa ser bem conservado (com atenção às condições ambientais de temperatura e umidade) e de acesso cômodo para eventuais pesquisas.

Isto vale, primeiramente, para os arquivos inspetoriais e para

outros arquivos de maiores dimensões; mas também para os arquivos locais os Diretores devem preocupar-se que ele esteja em lugar apropriado e bem cuidado.

Creio útil trazer uma advertência que já o Pe. Ricaldone fazia em seu tempo: “O material destinado ao arquivo - escrevia - com o passar dos anos e o progressivo desenvolvimento de cada Instituto estará sempre em aumento: por isso é bom ser previdentes e não regatear espaços” (ACS n. 120, p. 287).

Quanto à colocação, tenha-se presente que existem documentos reservados (aqueles que o Código chama de “arquivo secreto”), que serão mantidos em armários fechados, sob a responsabilidade do Inspetor (a nível inspetorial) ou do Diretor (em cada Casa).

b. Critérios para o arquivamento dos documentos

Outro ponto para a boa organização do arquivo é o de ter um critério *para o arquivamento dos documentos*, ou seja, ter claro quais documentos devam ser depositados e conservados no arquivo.

Existe a respeito uma norma ou critério geral, que se pode exprimir assim: devem-se arquivar *todos os documentos que interessam à vida e à missão da instituição* (Congregação, Inspetoria, Casa) e que possam ser *de utilidade tanto para o conhecimento atual da própria instituição como para sua história*.

Com base nesta norma ou critério geral realiza-se a seleção dos documentos que devem ser conservados no arquivo. É claro que se trata de um aspecto delicado: a avaliação errada da utilidade de um documento poderia de fato revelar-se danosa no futuro para a história completa de determinados fatos.

Para utilidade dos arquivistas, e como critério de referência, embora não exaustivo, foi colocado no manual “Elementos jurídicos e praxe administrativa no governo da Inspetoria” um elenco dos principais conteúdos de um arquivo salesiano, tanto inspetorial como local (vejam-se os nn. 185 e 186, pp. 155-157).

c. *Ordenamento do arquivo*

Um terceiro aspecto importante a sublinhar em vista da organização eficaz do arquivo é o seu “*ordenamento*”, ou seja, a disposição ordenada do material, de modo que ele possa facilmente ser encontrado e utilizado, em conexão também com outro material de argumento similar.

O ordenamento (cuja exigência é indicada pelo mesmo Código de direito canônico, no c. 486 *Á*2) é claramente destinado à pesquisa e à utilização dos documentos do arquivo. Ele, segundo a ciência arquivística, é baseado num “*TITULÁRIO*”, ou seja, referido a um conjunto de argumentos ou “*títulos*” que dizem respeito aos diversos aspectos ou setores da vida e missão da instituição.

O ordenamento é certamente uma das responsabilidades mais delicadas daqueles que têm a responsabilidade do arquivo.

Também neste caso, no manual “*Elementos jurídicos...*”, já citado, se dá *um exemplo ou modelo de titulares* para nossos arquivos inspetoriais (cf n. 187, pp. 158-160), modelo que foi pensado com certa referência (evidentemente somente analógica) ao titulario em uso no arquivo salesiano central. Nos encontros do Secretário Geral com os Secretários Inspetoriais este titulario foi comentado e completado.

d. *Catálogo e instrumentos de pesquisa*

Finalmente, juntamente com o ordenamento do arquivo, é preciso pensar em *preparar de instrumentos adequados para a pesquisa* - a mais veloz e segura possível - dos documentos conservados no arquivo.

O Código de Direito Canônico indica esta exigência no cân. 486 *Á*3, onde diz: Compile-se um inventário ou catálogo dos documentos contidos no arquivo, com um breve resumo de cada um deles. Sublinha-se a necessidade de ter um “*índice*” ordenado dos documentos (“*inventário ou catálogo*”), com a indicação essencial do conteúdo de cada documento (que em linguagem arquivística é chamada “*registro*” do documento).

De aqui a necessidade de uma cuidadosa “catalogação” dos documentos, que poderá ser feita tradicionalmente com o uso de uma “ficha” de papel, mas que hoje pode ser oportunamente realizado com o uso dos meios eletrônicos que, unido ao menor atulhamento, permitem uma pesquisa muito rápida e concreta. Evidentemente o uso não tira a necessidade de ter também uma cópia dos catálogos impressa em papel.

8. Conclusão

Aqui estão algumas reflexões sobre a importância de nossos arquivos, com o apelo para algumas normas concretas em vista de uma melhor organização e uma sua mais eficaz utilização.

Concluindo, gostaria de voltar a sublinhar, como elemento fundamental, a necessidade do crescimento entre nós da ‘mentalidade histórica’, para poder continuar aquela ‘tradição salesiana’ de cuidado pela documentação histórica, de que nos falava o Reitor-Mor.

Do crescimento desta ‘*mentalidade histórica*’ haverá de derivar um maior e mais constante *empenho pelo cuidado dos arquivos*, em todos os níveis.

E com referência ao nosso arquivo central, gostaria ainda de insistir sobre a importância de que sejam enviados ao centro notícias e documentos de maior relevo das Inspetorias e das Casas, para que se dê continuidade àquilo que Dom Bosco desejava: “... (que) os Superiores conheçam o andamento de todos os colégios e possam ter uma norma e uma história de toda a Congregação...”.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

O Reitor-Mor esteve hospitalizado para uma cirurgia, de 12 a 15 de setembro na Clínica “Villa Flaminia” de Roma.

Retomando o trabalho, embora em convalescença, encontrou-se no dia 17 com os jovens “Voluntários com Dom Bosco” e participou da profissão de alguns deles.

Durante a semana 19-24 de setembro conversou com nossos Bispos Dom Godayol, Dom Artale e Dom Gurruchaga. No dia 23 encontrou-se com os Ex-alunos.

No dia 29 presidiu à reunião USG (União dos Superiores Gerais) em preparação ao Sínodo.

Durante o mês de outubro transferiu-se à nossa comunidade do Vaticano, para empenhar-se totalmente no Sínodo sobre a Vida Consagrada, de que fala na “Carta” deste número dos Atos. Participou - único não Bispo - da Comissão encarregada da Mensagem final e, além do mais, apresentou duas intervenções pessoais (uma oral e outra por escrito).

O mês de novembro oferece-lhe (embora ainda convalescente) a oportunidade de numerosas conferências sobre o tema do Sínodo, tanto a grupos de irmãos (particularmente, no dia 17, aos diretores da Lombardo-Emiliana, reunidos em Loreto), como a comunidades das FMA.

A partir de 1ª de dezembro preside à sessão plenária do Conselho geral.

No dia 8, como já acontece já anos, celebrou a Eucaristia na Casa geral das FMA.

De 9 a 11 foi a Portugal para as comemorações do centenário dos Salesianos naquela nação; nessa ocasião foi celebrada a festa anual do Reitor-Mor; esteve presente também ao encerramento do “Eurobosco”.

No dia 23 de dezembro foi a Treviglio para falar na reunião de várias comunidades salesianas.

Finalmente, a “Estréia” levou-o novamente à Casa Geral das FMA na tarde do dia 31.

4.2 Crônica dos Conselheiros

O vigário do Reitor-Mor

No mês de agosto, o Pe. Juan E. Vecchi, a pedido das Superiores, deu assistência ao Capítulo Geral das irmãs Ursulinas de Somasca. No dia 13 do mesmo mês partiu para o Canadá, onde pregou os exercícios espirituais aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora das respectivas visitadorias, reunidas em Niagara Falls. Em seguida fez uma rápida visita às casas de Hamilton, Montreal e Sherbrooke. Do Canadá foi à Colômbia, onde pregou os exercícios espirituais aos diretores das duas Inspetorias em nossa casa de retiro de Copacabana. Em Bogotá participou da festa da comunidade inspetorial e tomou contato com nossas casas, e também com algumas obras significativas, como a paróquia do “Niño Jesús” e com a nova presença São João Bosco na periferia da cidade.

No mês de setembro animou duas reuniões sobre exercícios espirituais na caminhada de amadurecimento religioso dos salesianos, realizadas em Campos do Jordão

e em Montevideo, respectivamente para as Inspetorias do Brasil e do Plata (Argentina, Paraguai, Uruguai). Participaram dessas reuniões Inspetores e/ou Vice-Inspetores, encarregados da formação permanente, pregadores e animadores de exercícios, num total de 80 pessoas.

No início de outubro (3-10) presidiu em Wroclaw à visita de conjunto às Inspetorias da Polônia e Circunscrição Leste, substituindo o Reitor-Mor, empenhado na IX Assembléia do Sínodo. Igualmente, assistiu entre 28 de outubro e 1º de novembro, em Annecy, representando o Reitor-Mor, à “visita de conjunto” das Inspetorias de língua francesa.

No mês de novembro foi à Ásia. Em Hyderabad benzeu a nova casa inspetorial e, em seguida, orientou a “visita de conjunto” das sete inspetorias da Índia.

Nos dias 13 a 18 de novembro participou em Yamanaka da “visita de conjunto” das sete circunscrições do Extremo Oriente (Japão, Coréia, China, Tailândia, Vietnam, Filipinas Norte, Filipinas Sul) que contou também com a presença dos Delegados da Indonésia e de Papua Nova Guiné. Concluída a reunião

teve a oportunidade, juntamente com outros Conselheiros Gerais, de visitar a moderna escola de Yokoama em construção e a obra social de Kodaira, renovada de acordo com critérios avançados de pedagogia.

Em Chofu, participou da festa preparada pelos grupos da Família Salesiana (SDB, FMA, CCSS, Irmãs da Caridade de Miyasaki). Em seguida assistiu à celebração do cinquentenário de Missa do primeiro sacerdote salesiano japonês, Pe. Martinho Akimoto, retornando a Roma no dia 21 de novembro. Aí dedicou-se, conforme suas obrigações, à administração ordinária, a acompanhar as questões confiadas pelo Reitor-Mor e a preparar as sessões do próximo plenum do Conselho Geral que tiveram início no dia 1^a de dezembro.

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação durante os meses de agosto e setembro fez a *visita extraordinária à Inspeção do Uruguai*.

Nos meses de outubro e novembro participou das “*visitas de conjunto*” das Inspeções de língua francesa da Europa, da Polônia e

Europa Leste, da Índia e do Extremo Oriente.

No final de novembro interveio no encontro sobre o salesiano coadjutor organizado pela Região Ibérica.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

De 29 de julho a 5 de agosto, no colégio de Mornese, o Pe. Van Looy pregou os exercícios espirituais às FMA do Auxilium de Roma, sobre o tema da vocação do povo de Deus. De 7 a 9 de agosto participou em Viena de um encontro com 150 jovens de vários países da Europa, sobre o tema “*Crer e ajudar a crer*”. Foi depois com a família ao Noviciado de Jünkerath (Alemanha-Norte) para alguns dias de repouso. Dirigiu, em seguida, dois dias de reflexão pastoral, 19-20 de agosto, para o Conselho Geral e Superiores Provinciais da Congregação das Irmãs da Providência, em Roma.

Nos dias 21 a 26 encontra-se na Índia, em Kochi-Pallaruthy, para um encontro nacional sobre os “*Meninos de rua*”, analisando a experiência dos últimos anos. Nessa ocasião, participa da cele-

bração dos 20 anos da obra para os meninos de rua “Sneha Bhavan”, percebendo quanto é estimada esta obra pelas autoridades do Estado do Kerala e da Cidade de Kochi. Imediatamente depois passa à casa de Kochi-Vaduthala, para o encontro anual de Pastoral Juvenil em nível nacional. Finalidade do encontro: estudar a situação das vocações e da pastoral vocacional. Pela primeira vez as FMA também participam deste acontecimento nacional de pastoral juvenil da Índia. Releva-se a necessidade de alargar as iniciativas da pastoral vocacional para além dos aspirantados, dando dessa forma espaço e possibilidades a jovens empenhados e já adiantados nos anos de entrarem no processo vocacional.

De 1ª a 15 de setembro vai a Madagáscar: prega os exercícios aos Salesianos e FMA, sobre “*Evangelizar educando na missão*” e preside ao encontro do Movimento Juvenil Malgache, durante a semana de 8 a 15 de setembro. Cento e cinquenta jovens, vindos de todas as obras, dedicam-se ao estudo de dois temas: “família” e “movimento juvenil salesiano”, com muito entusiasmo e senso salesiano.

Nos dias 17 e 18 de setembro, participa da abertura do ano pastoral das inspetorias de Verona (SDB) e Pádua (FMA) no “Dom Bosco” de Pádua. Ainda em Portugal, participa da abertura do ano pastoral das duas Inspetorias (SDB e FMA) daquele país, nos dias 24-25 de setembro.

De 26 de setembro a 2 de outubro faz a visita extraordinária à comunidade Maria Auxiliadora de Valdocco (a “Casa Mãe”); logo depois vai a Wroclaw na Polónia para a “visita de conjunto” das Inspetorias da Polónia e da Circunscrição Leste. De 12 a 15 de outubro encontra-se com os demais dicastérios em Roma e no dia 17 preside à jornada de abertura do ano pastoral (SDB e FMA) em Arborea, Sardenha.

De 17 a 27 de outubro faz a *visita extraordinária* à obra de Colle Don Bosco, interrompida por uma viagem a Bruxelas para representar a Congregação num encontro internacional sobre a infância, onde fala da educação como caminho de promoção humana.

No dia 28 de outubro, com outros Conselheiros, vai a Annecy (França) para a “visita de conjunto” das três Inspetorias de língua

francesa; de Annecy continua no dia 1º de novembro para Vremde (Bélgica-Norte) para o encontro europeu dos Centros Nacionais de Pastoral Juvenil, com a participação dos delegados inspetoriais dos países europeus (SDB e FMA), sobre o tema “*Educar evangelizando e evangelizar educando*”. O encontro acentuou particularmente a necessidade de formar todos os colaboradores da missão salesiana para que sejam, ao mesmo tempo, verdadeiros evangelizadores e educadores, na realização do sistema preventivo.

Após este encontro, a 5 de novembro, foi à Índia para participar em Hyderabad da “visita de conjunto” das Inspetorias da Índia, e sucessivamente ao Japão para a “visita de conjunto” das Inspetorias do Extremo Oriente. Terminada a visita no Japão, prega os exercícios aos irmãos e irmãs do Japão, em Fukuoka, sobre a “*Palavra de Deus para todos os povos*”. Retornando do Japão para Roma detém-se por três dias na Coréia para uma breve visita a todas as casas salesianas.

Retorna a Roma no dia 29 de novembro à noite.

O Conselheiro para as Missões

As principais atividades do Conselheiro Geral para as Missões neste segundo semestre de 1994 foram dedicadas sobretudo à animação missionária e espiritual, participação das “visitas de conjunto”, visitas às missões, encontros relacionados com o Projeto África e estudo de Projetos sobre possíveis novas fronteiras missionárias.

Cronologicamente, eis os fatos principais:

– de 18 de agosto a 3 de novembro, o P. Luciano Odorico animou dois cursos de Exercícios Espirituais, um para a Delegação da África Ocidental de língua francesa (Bamako, Mali), e o outro para a Delegação da África Tropical Equatorial (Yaoundé, Camarões). Foram duas experiências de partilha e espiritualidade salesiana missionária num clima de grande fraternidade.

– Depois de uma breve estada em Roma, esteve na Inspetoria de Porto Alegre (Brasil), de 13 a 17 de setembro, para vários encontros de animação missionária, especialmente com os formandos.

Dali foi visitar as missões do “Valle sagrado” no Peru, de 17 a 21

de setembro. Não só visitou as residências missionárias e encontrou as comunidades, mas também presidiu a uma reunião de revisão global do Projeto Missionário da Inspetoria, juntamente com todos os missionários, o Inspetor e o seu Conselho.

– Em Lima, o Pe. Odorico recebeu a notícia - verdadeiramente uma Boa Notícia - que tinham sido batizados pelo Pe. Luís Bolla os primeiros catecúmenos Achuar.

– Retornando à Itália, foi a Turim para acompanhar os missionários que partiam, em sua preparação e entrega do Crucifixo (25 de setembro de 1994). Entre os que partiam estavam irmãos destinados a três novas presenças na África: o Chad (de Verona), a República Centro Africana (da Bélgica-Norte) e o Zimbawe (de Zâmbia).

– De 27 a 30 de setembro, foi para breve visita de animação missionária às Inspetorias da Grã-Bretanha e da Irlanda com encontros em vários níveis e com visitas a obras de estilo missionário e ao Centro de ensino de línguas para missionários (Maynooth).

– Participou, de 2 a 8 de outubro, da “visita de conjunto” da Polônia e Circunscrição de Moscou.

– De 9 a 18 de outubro, foi à

Argentina e ao Chile para atividades de animação missionária nas Inspetorias de La Plata, Córdoba, Rosário e Santiago do Chile. Mantive vários encontros com formandos, com grupos missionários e com jovens salesianos candidatos às missões “ad gentes”. Particularmente em Valparaíso, o Pe. Odorico teve a impressão pessoal que o sonho missionário de Dom Bosco iniciado no Chile já estivesse chegando à completa realização em direção a Pequim, capital da China.

– De 21 a 22 de outubro presidiu em Yaoundé (Camarões) a uma reunião dos dois Conselhos das Delegações da África Ocidental francófona e da África Tropical Equatorial, para preparar a “visita de conjunto” de fevereiro '95. Constatou o crescimento em quantidade e qualidade dessas novas estruturas de coordenação na África.

– De 28 de outubro a 1^o de novembro, em Annecy (França), participou da “visita de conjunto” das Inspetorias francófonas da Europa.

Quase imediatamente depois foi à Ásia para, primeiramente, visitar o Paquistão, de 2 a 5 de novembro, mantendo contato com vários Bispos e instituições

eclesiais e religiosas em Karachi, Hyderabad, Quetta, Rawalpindi, Islamabad e Lahore. Os Bispos estão muito interessados na presença diversificada do carisma salesiano em benefício da juventude paquistanesa. Espera-se poder no futuro responder positivamente a estes pedidos.

– De 7 a 11 de novembro participou da “visita de conjunto” da Índia, em Hyderabad e, logo depois, de 14 a 19 de novembro, do Extremo Oriente, no Japão.

– Retornando, após uma breve escala em Bangkok, esteve em Myanmar, antiga Birmânia, de 22 a 28 de novembro. Ali, o Conselheiro Geral para as missões pode inaugurar a nova casa de formação da capital Yangon (antiga Rangoon), visitar as casas de formação de Anisakan e sobretudo ir à diocese de Lashio. Aqui visitou várias estações missionárias, encontrou-se com todos os irmãos, com o Bispo Dom Charles Bo, SDB, o clero local, os religiosos e, sobretudo, as comunidades cristãs.

Foi acompanhado durante a visita pelo Inspetor de Calcutá e pelo Delegado de Myanmar. A presença salesiana nesta nação está se abrindo a uma etapa de novo de-

envolvimento para o carisma salesiano.

No dia 29 de novembro retornou a Roma.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

1. PARTICIPAÇÃO NAS VISITAS DE CONJUNTO.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social participou das visitas de conjunto: - *na Polônia*, 3-8 de outubro de 1994, com uma intervenção sobre a Família Salesiana; - *na Índia*, 7-11 de novembro, e no *Extremo Oriente*: durante a discussão surgiu uma reflexão sobre o tema dos Cooperadores e da Família Salesiana.

2. EMPENHOS COM A FAMÍLIA SALESIANA

Foram estes os principais empenhos mantidos com os diversos grupos da Família Salesiana:

* *COOPERADORES SALESIANOS*: 1. Congresso regional em Moçambique: Maputo, 29 de julho - 3 de agosto de 1994; 2. Consulta Mundial, com a participação

dos consultores 'que terminavam' e os 'novos' eleitos: Castellammare di Stabia, 28 de agosto - 2 de setembro de 1994; 3. Encontro de animação de jovens Cooperadores e espiritualidade juvenil: Líbano, 5-10 de setembro de 1994; 4. Encontro dos delegados inspetoriais e locais e encontro da Conferência nacional dos Cooperadores na Polônia: 2 de outubro e 9 de outubro de 1994; 5. Animação inspetorial da Família Salesiana na Eslovênia: 21-25 de outubro de 1994; 6. 1ª Congresso nacional dos Cooperadores em Madagáscar: 29 de outubro - 4 de novembro de 1994; 7. Revisão da consulta mundial: Roma, 19 de novembro de 1994.

* *EX-ALUNOS/AS DE DOM BOSCO*: 1. Congresso anual em Cuorgné : 18 de setembro de 1994; 2. Presidência mundial da Confederação: Roma, 19-23 de setembro de 1994; 3. Junta confederal: revisão da Presidência mundial, e preparação do "Eurobosco": Roma, 20 de novembro de 1994; 4. Eurobosco: Lisboa, 7-11 de dezembro de 1994.

* *VOLUNTÁRIAS DE DOM BOSCO*: 1. Três dias de formação permanente para o grupo de Roma: Fiuggi, 6-8 de agosto de 1994; 2. Participação da assembléia regional, em preparação à Assembléia de '95: Catânia, 24-25 de setembro de 1994; Turim, 15-16 de outubro de 1994; Madri, 3-4 de dezembro de 1994.

* *VOLUNTÁRIOS DE DOM BOSCO*: Encontro de estudo e trabalho para a redação do texto das Constituições: Roma, 11-17 de setembro.

* *SALESIANOS*: Serviço de pregação: 1. Exercícios espirituais para a Inspeção de Barcelona, Espanha, 21-28 de agosto, sobre "*Interioridade apostólica*"; 2. Exercícios espirituais para a Inspeção de Lima, Peru, sobre "*Animação dos animadores*"

Recorde-se ainda o trabalho de *preparação para a Semana de Espiritualidade da Família Salesiana*: um primeiro encontro com os representantes dos vários grupos da Família para estudar a *Estréia do Reitor-Mor* e organizar a *Semana*; e um segundo encontro para definir o conjunto da *Semana*.

3. EMPENHOS COM A COMUNICAÇÃO SOCIAL

* *No Centro* foram cuidados os seguintes aspectos: 1. Reestruturação dos serviços e dos papéis no interior do dicastério; 2. preparação do “manual” para a formação dos jovens irmãos para a comunicação.

* *Serviço de Agência:* As visitas de conjunto serviram também para relançar os correspondentes preparados no ano passado. O Conselheiro manteve contatos: 1. na Polônia com os Inspetores, para definir de maneira mais concreta o serviço de agência. Foi destinado um irmão encarregado desta finalidade, embora com outros empenhos, mas do mesmo tipo; 2. na Índia com os Inspetores, em vista de um espaço suficiente ao correspondente local. Poderá recomeçar com renovado entusiasmo; 3. no Extremo Oriente, com as Inspetorias da China, Filipinas, Norte, Tailândia e com a Visitadoria da Coreia, visando sempre a melhor definição da figura dos correspondentes e a contribuição para seu funcionamento mais eficaz. Na Coreia poderão tornar-se corres-

pondentes os irmãos que constituem a comunidade da comunicação social criada pela Visitadoria; 4. no Vietnã, onde podem ser feitos contatos mais constantes, com as devidas cautelas.

* *Boletim Salesiano italiano e Boletim “Edição Cooperadores”:* Em alguns encontros com os interessados pela questão, foi reestruturado o serviço do Boletim Salesiano “Edição Cooperadores”, para uma melhor apresentação gráfica e para um melhoramento real nos conteúdos.

* *Análise com alguns centros da comunicação:* - centro catequético de Ljubljana; - o futuro centro de Ivato (Madagáscar); - centro de comunicação de Buenos Aires; - centro editorial escolar de La Plata; - centro Vídeo de Lima.

4. PREPARAÇÃO DO CAPÍTULO GERAL 24^o

O Pe. Antonio Martinelli, como Regulador do CG24, preocupou-se também com estes assuntos: 1. Preparação e expedição da *documentação* necessária para os trabalhos dos Capítulos inspetoriais:

todas as Inspetorias receberam o material; 2. Cuidado pela preparação do material para a intervenção dos *leigos* na reflexão do tema do Capítulo Geral 24^a: - Colaboração com os Cooperadores, - Colaboração com os Ex-alunos, - Colaboração com a Pastoral Juvenil; 3. Encaminhamento na UPS para o estudo do instrumento do questionário “Salesianos e Leigos” a ser aplicado antes do Capítulo Geral e em vista da preparação do material útil para os participantes do Capítulo; 4. Estudo para a realização correta do *correio eletrônico* entre Centro e Inspetorias.

O Ecônomo Geral

O Ecônomo geral esteve presente no dia 29 de agosto, à Assembléia anual da Inspetoria “São Marcos” de Veneza e assistiu à passagem das responsabilidades entre o Inspetor que terminava e o novo.

Em Bratislava (Eslováquia) organiza, de 18 a 20 de setembro, um encontro de Ecônomos Inspetoriais das Inspetorias Eslovaca, Checa, Húngara, Eslovena e Croata. Principal assunto tratado: o *rendiconto* econômico a ser enviado à Direção geral, depois dos quarenta anos

da suspensão devida à situação política. Outros assuntos foram: bens imóveis, seu resgate e utilização; testemunho e “scrutinium” de pobreza; solidariedade; preparação dos ecônomos locais.

Depois do encontro de Bratislava, de 21 a 25 de setembro, o Ecônomo visita a Inspetoria de Praga, conhecendo os estabelecimentos restituídos pelas autoridades civis, os projetos e trabalhos em curso em muitas Casas.

Prossegue depois, nos dias 26-27 de setembro, para a Lituânia, interessando-se pelos trabalhos de construção em Vilnius e Kaunas-Palemonas, chegando finalmente, nos dias 28-29 de setembro, à Bielorrússia.

No dia 8 de outubro, em Forlì, une-se à manifestação da cidade no traslado dos restos mortais do Pe. Pedro Garbin à igreja de San Biaggio por ele reconstruída depois da destruição bélica.

A 16 de outubro o Ecônomo não falta à Reunião dos Ex-alunos do Oratório de Trieste, por ocasião dos festejos locais dos “sessenta anos” de missa e profissão religiosa.

Em Catânia e Ali Terme, nos dias 5 e 6 de novembro, participou da alegria das FMA em festa

pela beatificação de Madre Maddalena Morano.

O Conselheiro para a América Latina - Região Atlântico

A 31 de julho, concluída a sessão plenária do Conselho Geral, o Pe. Carlos Techera, partia para o Paraguai, para ali realizar a *visita extraordinária à Inspeção de "Nuestra Señora de la Asunción"*. Esta Inspeção prepara-se para celebrar o primeiro centenário da chegada dos Salesianos, em 1996, precedido, em '95 do centenário da morte de Dom Luís Lasagna. Mesmo se não muito numerosa em pessoal salesiano, a Inspeção leva avante uma significativa presença na Igreja do Paraguai, de cidades como Assunção até o Chaco Paraguaio, com várias presenças missionárias no Vicariato Apostólico confiado aos Salesianos.

No dia 7 de setembro o Regional presidiu o "Curatorium" do Noviciado "Pe. José Vespignani" em Ramos Mejía (Buenos Aires), e nos dias 8-9 participou da Conferência inspetorial do Plata, em Rosário, Argentina. Alguns dos principais assuntos tratados nessa reunião da Conferência foram:

aplicação das conclusões da "visita de conjunto", e comocada Inspeção está levando avante o tema da significatividade; começou-se também a refletir sobre as causas dos abandonos no período dos votos temporários (o tema será continuado na próxima reunião); avaliaram-se, além disso, os compromissos assumidos em Cabana, a respeito da Comunicação social; indicaram-se também os temas para a Consulta interinspetorial de Pastoral Juvenil, etc.

Na tarde do sábado 10 de setembro e no domingo, participou do encontro dos responsáveis dos ramos da Família Salesiana presentes na Bacia do Plata.

Nos dias 15 e 16 de setembro, em Recife, o Regional presidiu a Conferência dos Inspectores do Brasil, em que se trataram diversos assuntos, como: análise e aplicação das conclusões da "visita de conjunto"; resultados, desafios e problemas na formação inicial; avaliaram-se os compromissos assumidos no campo da Comunicação social; programou-se, como no Plata, um encontro sobre a paróquia salesiana para o próximo ano; examinou-se o relatório apresenta-

do pela equipe interinspetorial de Pastoral juvenil, como também a da Formação, etc. No sábado 17, aconteceu também uma reunião conjunta das Inspetoras FMA e dos Inspetores SDB do Brasil.

A 28 de setembro, o Pe. Techera visitava o Curso de Formação Permanente que se organiza no Plata e no dia seguinte dava início à *visita extraordinária à Inspeção "Nuestra Señora de Luján"*, com sede em La Plata (Argentina). Encontrou-se, por ocasião da visita, com os estudantes de teologia desta Inspeção que estão em Buenos Aires, juntamente com os de Bahía Blanca, como também com os noviços que estão em Ramos Mejía, juntamente com os das demais Inspeções da Argentina e Paraguai. Entre as muitas coisas positivas da Inspeção de La Plata, que se podem evidenciar, uma é o empenho que assumiu - depois do encontro dos Inspetores em Fusagasugá - para a criação de uma editora para publicação de textos escolares, em coligação com a Inspeção de Barcelona (Espanha).

Agradecendo ao Senhor por tanto bem que é realizado pelos Salesianos, particularmente nas duas Inspeções visitadas, o Regional

retornava a Roma no dia 24 de novembro para tomar parte na sessão plenária do Conselho.

O Conselheiro para a América Latina - Região Pacífico-Caribe

O Pe. Guillermo Garcia começou o seu segundo giro de 1994 em Los Angeles (USA) com a finalidade de conhecer as obras salesianas daquela cidade e estudar a maneira de concretizar a ajuda à Inspeção dos Estados Unidos Oeste, na atenção aos habitantes de língua espanhola que moram ao sul do país. Acompanhado pelo Inspetor, Pe. William Schafer e pelo encarregado da Família Salesiana, Pe. Gael Sullivan, percorreu todas as casas, compreendida a de Bellflower. A atenção aos de língua espanhola na América do Norte é uma das cinco frentes do "Projeto de Solidariedade" promovido pela Região Pacífico-Caribe, com a contribuição de pessoal salesiano, desde o início do sexênio. Depois da visita, no mês de outubro chegou o Pe. Angel Bressan, da Inspeção da Venezuela, para trabalhar na paróquia de São Luís Rei, em Laredo, Texas.

Entrando no México pela fronteira norte, o Pe. Garcia visitou a

quase totalidade das casas da Inspeção de Guadalajara, com a dupla finalidade de apresentar a consulta para a nomeação do novo Inspetor (em janeiro de 95 o Pe. Pascual Chávez concluiu o seu sexênio) e para fazer um balanço de como se estão aplicando as orientações do Reitor-Mor depois da visita extraordinária feita à inspeção em 1992. A constatação foi muito positiva, uma vez que os empenhos assinalados pelo Pe. Viganò à Inspeção de Guadalajara foram plenamente assumidos nos programas inspetoriais de trabalho e estão sendo atuados de modo satisfatório.

Depois de uma breve passagem pela Cidade do México, o Regional continuou sua viagem para o Chile, detendo-se por dois dias em Medellín para conversar com o novo Inspetor, Pe. Vidal Niebles, e para cumprimentar o Pe. Marco Baron, gravemente doente, já em estado terminal. Permaneceu um dia também em Santafé de Bogotá, aproveitando para participar de uma reunião com o Conselho Geral das Filhas dos Sagrados Corações, que celebram o centenário da morte de seu fundador, Pe. Luís Variara. Nessa reunião trataram-

se alguns assuntos relativos às casas que o Instituto tem no México.

Da Colômbia continuou para Quito, onde encontrou-se com o Inspetor, Pe. Luís Sanchez, e com Pe. Fernando Peraza, do Centro Regional de Formação Permanente.

Passou também pela Bolívia para tratar com o Inspetor, Pe. José Ramón Iriarte, de alguns compromissos da Inspeção. Na capital boliviana aproveitou para visitar o Núncio Apostólico.

No dia 1º de setembro chegou a Santiago do Chile. Depois de uma reunião com o Conselho inspetorial para revisão dos resultados da precedente visita extraordinária, feita pelo Pe. Sérgio Cuevas em 1989, o Pe. Garcia foi a Punta Arenas, na zona patagônica chilena (região de Magalhães) para iniciar a *visita extraordinária*, em nome do Reitor-Mor.

Em outubro, de 16 a 23, reuniram-se em Santiago todos os Inspetores da Região, com exceção do Pe. Jacques Mésidor, Superior da Visitadoria de Haiti, que preferiu ficar com seus irmãos em vista da situação especial pela qual passava o país naqueles momentos. O encontro realizou-se num clima verdadeiramente fraterno e cordial, com uma série de sessões de tra-

balho, como é costume fazer todos os anos. Refletiu-se sobre o tema da “*dimensão secular*” na Igreja e na Congregação, que está interpellando as comunidades locais para uma conversão permanente, para ser “núcleo animador” da comunidade educativa pastoral e da Família Salesiana e para potenciar com os leigos a evangelização dos jovens e a animação vocacional. Como conclusão da reunião concretizaram-se algumas linhas diretivas e operativas comuns a nível de participação eclesial, de comunidade educativa pastoral e de Família Salesiana. Enfrentaram-se também algumas questões práticas relacionadas ao CG24.

Dois acontecimentos importantes distinguiram a visita extraordinária no Chile: o primeiro foi a beatificação do Pe. Alberto Hurtado SJ, que em seus breves 16 anos de vida apostólica foi um eminente educador, grande guia para os jovens, evangelizador zeloso e infatigável pastor dos humildes e dos pobres. Outro grande acontecimento da Igreja no Chile foi a concessão da dignidade cardinalícia ao Arcebispo de Santiago, Dom Carlos Oviedo, da Ordem dos Mercedários. Ambos os

acontecimentos evidenciaram a unidade do povo chileno, sua sensibilidade social e profunda religiosidade cristã.

A visita concluiu-se com uma reunião de Diretores, na qual o Pe. Garcia, comunicou suas observações sobre a caminhada da Inspeção e deu suas recomendações finais. Deu também conhecimento que o Pe. Alfredo Videla, Inspetor, por motivos de saúde, tinha apresentado seu pedido de renúncia ao Reitor-Mor e que, depois da aceitação da renúncia, se procederia à consulta para a nomeação do sucessor. De aqui agradecemos ao Pe. Videla pelo seu serviço generoso e sacrificado durante quatro anos, pelo seu exemplo de fé profunda e forte e pelo exemplo de grande amor à Inspeção e aos seus irmãos, que nos está dando com este gesto valoroso e decidido.

O Conselheiro regional para a Ásia

O Conselheiro regional para a Ásia, Pe. Thomas Panakezham, partiu de Roma no dia 30 de julho. Depois de uma brevíssima parada em Bombaim, foi à Inspeção de Bangalore (INK) para ali realizar a *visita extraordinária*, em

nome do Reitor-Mor. A visita começou a 5 de agosto e concluiu-se a 24 de outubro. Como é sabido, a Inspetoria de Bangalore teve início em 1979, a partir da divisão da Inspetoria de Madrasta e, recentemente, em 1992, da Inspetoria de Bangalore foi separada a nova Inspetoria de Hyderabad (Andhra Pradesh). Atualmente a Inspetoria compreende dois Estados da República Indiana, Karnataka e Kerala, e tem 25 presenças salesianas com 232 irmãos. É uma Inspetoria jovem, cheia de entusiasmo, com uma ânsia de trabalhar pelos pobres e um grande desejo de evangelizar, especialmente nas zonas onde a Boa Nova ainda não se tornou uma mensagem urgente.

Concluída a visita a Bangalore, o Pe. Panakezhm participou da “visita de conjunto” das sete Inspetorias da Índia e das duas Delegações inspetoriais (Delhi, Índia, pertencente a Calcutá, e Sri Lanka, pertencente a Madrasta). Infelizmente a Delegação de Myanmar (Birmânia), dependente de Calcutá, não pode estar presente, por causa da situação. Os principais temas tratados foram: formação permanente, leigos e contextualização da formação na

Índia. A visita se concluiu de modo satisfatório, com a perspectiva de uma retomada mais decisiva para as Inspetorias interessadas.

Sucessivamente, o Regional foi ao Japão, Yamanaka, Tóquio, para a “visita de conjunto” das Inspetorias do Extremo Oriente (CIN, FIN, FIS, GIA, KOR, THA e VIE). Significativo que pela primeira vez dois irmãos do Vietnã (o Superior da Visitadoria e um diácono) puderam tomar parte na visita de conjunto. Os temas tratados foram: a formação permanente no Extremo Oriente, a inculturação com referência especial à formação e à pastoral juvenil, os leigos colaboradores. Os Inspectores interessados ficaram contentes com o bom resultado da visita e têm perspectiva de uma vida nova.

No dia 21 de novembro o Pe. Thomas Panakezhm retornou a Roma.

O Regional para a Região Itália e Oriente Médio

Transcorrido o mês de agosto na St. Patrik School de Londres, para aprender inglês, o Pe. Fedrigotti, no dia 6 de setembro, interveio no curso de preparação à Profissão Perpétua na casa de S.

Tarcísio, em Roma. No dia 8 esteve presente às Profissões dos noviços de Lanúvio, no Pio XI de Roma. No dia 9 de setembro, junto com os responsáveis da UPS e do Secretário da CISI, encontra o Secretário da CEI (Conferência Episcopal Italiana), Dom Tettamanzi, para aprofundar a hipótese de um “Centro Escola” junto à UPS, com eventual colaboração da CISI.

De 10 a 20 de setembro esteve em Camarões para concluir a visita extraordinária à ILT, tomando contato com as presenças missionárias de Yaoundé e Ebolowa. Por motivos políticos foi adiada a prevista visita à Nigéria, que devia seguir-se imediatamente.

No dia 21 orienta o retiro de início de ano dos irmãos pós-noviços de Nave. No dia seguinte inicia a *visita extraordinária à ICP*, tomando contato com o Conselho inspetorial. Seguem-se as visitas previstas pelo calendário inspetorial.

No dia 25 de setembro preside em nome do Reitor-Mor, juntamente com o Pe. Odorico, a função da entrega do crucifixo na 124ª expedição missionária, que tem lugar na Basílica de Nossa Senhora

Auxiliadora. No dia seguinte participa da reunião da “Consulta Mundial”, que tem a finalidade de unificar em nível nacional as linhas da projetualidade missionária do VIS/AM, da Procuradoria de Turim, das relativas ONGs, das Revistas que escrevem sobre coisas missionárias.

Nos dias 5 e 6 de novembro está em Catânia e Ali Terme, com outros conselheiros gerais, representando o Reitor-Mor e o Conselho, por ocasião da beatificação de Madre Maddalena Morano.

De 7 a 9 de novembro preside a assembléia CISI, na casa do Sacro Cuore de Roma. Nessa assembléia analisam-se as caminhadas dos Capítulos Inspetoriais, em vista do CG24. Nota-se que é múltiplo e satisfatório o esforço de contactar os leigos, significativo o uso do “roteiro” específico, urgente a projeção e o repensamento das presenças das Inspeções no território CISI.

Na reunião assume-se o empenho comum em vista de uma mais qualificada representação junto à AGIDAE, candidatando-se o Inspetor Pe. Gianni Mazzali (que sucessivamente será eleito com um consistente número de votos), em

comunhão com as FMA e suas candidaturas.

Sobre a escola e a formação profissional, evidencia-se a bondade e a qualidade dos caminhos formativos para o pessoal dirigente, projetados até hoje em nível nacional. Sublinha-se a recíproca utilidade da colaboração madura com as FMA, sobretudo em sede de desenvolvimento e avaliação do Projeto Educativo Nacional da Escola Salesiana. Encoraja-se um ulterior crescimento da “consciência nacional” dos agentes da escola salesiana, também através da rápida constituição do CNOS/ESCOLA. Insiste-se sobre a decisão de defender o “primeiro nível” da Formação Profissional, quer especializando o nosso serviço aos jovens “pobres”, que aí são numerosos, como defendendo a absorção da eventual obrigação escolar “elevada”, também nos CFP.

O Conselheiro regional para Portugal e Espanha

Terminada a sessão plenária do Conselho regional, no dia 3 de agosto o Pe. Antonio Rodriguez participa no Colle Don Bosco da jornada penitencial do “Campobosco”: encontro de 500 jovens animadores de toda

a Região que, em contato com os lugares das origens salesianas, procuram reforçar a própria opção pelo trabalho entre os jovens e a animação dos grupos no projeto salesiano de nossas diversas presenças.

Nos dias 5 e 6 de agosto participa, em León, do curso para os novos diretores, organizado pela Conferência Ibérica, em que tomam parte 44 diretores das oito Inspeorias.

No dia 8 tem um encontro com o Centro “Bosco” de Zaragoza, para definir os últimos detalhes sobre o programa de informática preparado para as Secretarias inspeorias da Região.

Entre alguns dias de repouso em família, participa, no dia 16, da primeira profissão no noviciado de Sanlúcar la Mayor (Sevilha).

No dia 25 de agosto inicia uma viagem à África, onde se deterá por quase dois meses em visita aos irmãos de seis países da África Ocidental.

Em Bamako (República do Mali) participa dos últimos dias de Exercícios espirituais organizados pela Delegação salesiana da África Ocidental, pregados pelo Pe. Luciano Odorico. Aos Exercícios seguem-se dois dias de Assembléia

da Delegação e um de reunião do Conselho da Delegação. O Regional participa destes dois encontros: na Assembléia são examinados, como temas principais, o Diretório da Delegação e os objetivos prioritários do ano que se está iniciando; a reunião do Conselho continua estudando temas já iniciados em reuniões anteriores e indica algumas linhas de previsão para os encontros deste ano, especialmente para a “visita de conjunto”, programada para os dias 5-11 de fevereiro de 1995 em Abidjan.

No dia 29 visita a obra de Bamako e tem um audiência com o Arcebispo.

A 30 de agosto parte para Sikasso, onde visita a nova Escola Profissional, com cinco pavilhões, construída em ferro e material pré-fabricado em apenas dois meses, graças à preciosa colaboração de um grupo de leigos italianos da diocese de Bréscia, que fazem parte de uma Associação chamada “Amigos do Mali”.

Visita pela primeira vez, nos dias 31 de agosto a 2 de setembro, a presença salesiana de Bobo-Dioulasso, em Burkina Faso. Encontra-se com o Bispo em duas ocasiões e toma

contato com a realidade social e eclesial da nova presença. Os três irmãos da Inspeção de Madri já estão realizando planos concretos de inserção no ambiente juvenil, em vista do ano escolar-educativo que está começando, ao mesmo tempo em que aprendem o “djula”, língua do lugar.

Dedica o dia 4 à presença salesiana de Cinkassé (República do Togo). Transcorre depois os dois dias seguintes em Kara, participando da vida dos jovens que iniciaram suas atividades no Centro Dom Bosco e visitando as novas realidades desta criativa presença salesiana.

No dia 8, em Lomé, tem a alegria de receber a primeira profissão dos 14 novos irmãos das duas Delegações da África Ocidental e da África Tropical Equatorial. À noite daquele dia 16 novos novícios iniciam o seu noviciado. Em poucos dias haverão de transferir-se para a nova casa, em avançada fase de construção, em Gbodjome, a 18 quilômetros de Lomé.

De 9 a 14 de setembro, o Pe. Rodriguez detém-se em Lomé, visitando as duas presenças e compartilhando com os irmãos projetos e preocupações. No dia 13 vai a Accra, em Gana, para visitar o

Núncio das três vizinhas nações: Gana, Togo e Benin.

De 15 a 23 de setembro está na República do Benin, onde visita as quatro presenças salesianas; visita também o Bispo de Porto Novo e conversa com os irmãos sobre projetos e dificuldades.

De 24 até o final do mês permanece na Costa do Marfim. Aqui também visita as três presenças salesianas, admirando sobretudo a força com que está surgindo a de Abidjan, no bairro de Koumassi, graças à colaboração de pessoas que podemos chamar realmente de “providenciais”. Consolida-se a presença, com a alegria de conseguir que também às FMA tenha sido cedido o terreno para construir a própria presença e que tenham encontrado financiamentos para a obra; este bairro, tão necessitado, poderá ter uma presença salesiana consistente.

De 1ª a 14 de outubro, o Regional está no Senegal, onde visita as três presenças salesianas; dedica um pouco de tempo a estas obras, que ainda não conhecia. A nossa obra, sobretudo no campo da formação profissional, é muito conhecida e atinge a todos, sem distinção de religião, num ambiente muito islamizado.

Passa depois às Ilhas Canárias, 15 a 20 de outubro, visitando as três presenças salesianas ali existentes.

No final do mês vai à Andaluzia, onde visita as casas do noviciado, pós-noviciado e teologado; visita também o Pe. Celestino Rivera, Delegado Nacional dos Ex-alunos, gravemente enfermo.

A partir de 1ª de novembro está em Madri.

De 5 a 8 de novembro vai a Bilbao para encontrar o Inspetor e participar da reunião dos Diretores, quando apresenta a consulta para a nomeação do novo Inspetor; em seguida visita o pós-noviciado de Burgos e o noviciado de Astudillo.

No dia 17 participa dos funerais de um dos irmãos do Senegal, que visitara, falecido repentinamente.

Nos dias 20-21 de novembro visita os irmãos que frequentam o curso de formação permanente em Campello; são mais de 20 irmãos, que dedicam quatro meses à própria formação.

No dia 23 reúne-se com os Inspetores da Espanha para tratar de alguns temas, como a CCS (Cen-

tral Catequética Salesiana) e o pessoal das casas interinspetoriais.

Nos dias 24 e 25 tem lugar a reunião da Conferência Ibérica; a manhã do primeiro dia é dedicada ao trabalho em conjunto com a CIEP (Conferência das Inspetorias de Espanha e Portugal) das FMA sobre o tema "*Construção da Família Salesiana e contribuição específica das FMA e dos SDB*". Um documento, anteriormente preparado, ajuda na reflexão; esclarecem-se também alguns aspectos da colaboração pastoral na Região entre SDB e FMA.

Retorna-se nesta sessão da Conferência Ibérica a um tema já enfrentado em duas ocasiões sobre a "*solidariedade inspetorial*". Avançam-se passos, embora se deva continuar a concretizar alguns aspectos.

Neste encontro foi apresentado também o trabalho realizado e os projetos da Delegação nacional para a Pastoral juvenil e para os Ex-alunos. Estes últimos tinham perdido recentemente o seu Conselheiro e Delegado nacional: Dom Bosco certamente o terá premiado pela sua dedicação a este compromisso.

Nos dias 26 e 27 de novembro, com a presença do Pe. Giuseppe

Nicolussi, realiza-se o *encontro regional sobre o Salesiano Coadjutor*, como realização de uma das conclusões da "visita de conjunto". Dele participaram cinco salesianos de cada Inspetoria (entre eles, o Inspetor e o Delegado para a Formação). Trata-se de uma nova ocasião de sensibilização, de exame e de empenho para poder realizar uma pastoral vocacional adequada e uma sólida formação dos salesianos coadjutores.

No dia 29 o Regional retorna a Roma para tomar parte nos trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral.

O Conselheiro regional para a Região Anglófona

O Pe. Martin McPake transcorreu todo este período, de agosto a novembro de '94, em convalescença, submetendo-se a oportunas terapias, para restabelecer-se plenamente na saúde. Passou o primeiro período em Roma (com uma breve temporada em Castel Gandolfo), depois em sua terra natal, a Escócia, e na Inspetoria de origem, a da Grã-Bretanha.

Embora convalescente, continuou a interessar-se pelos problemas e pela animação da Região de língua inglesa, através dos instrumentos de comunicação.

Nos primeiros dias de novembro voltou a Roma, para algumas ulteriores curas e para participar da sessão do Conselho.

O Conselheiro regional para a Europa Centro-Norte e para a África Central

Após uma breve visita aos Irmãos de Istambul (agosto de '94), o Pe. Dominique Britschu foi à Hungria para fazer a “visita extraordinária”. Em fins de setembro e durante os dois meses seguintes, o Regional tomou contato com os irmãos da Áustria.

Por bem três vezes interrompeu a sua “visita” para participar da Conferência interinspetorial de língua alemã (na Holanda, de 8 a 13 de outubro), da “visita de conjunto” com os Inspetores de língua francesa (em Annecy, de 28 de outubro a 2 de novembro) e, finalmente, para uma visita à Eslovênia, no final de novembro.

Retornando a Roma, apresentou ao Reitor-Mor o resultado da

consulta para o novo inspetor da Holanda.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia e países do Leste

O Pe. Augustyn Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, entre 1ª de agosto e 29 de novembro de 1994 realizou as seguintes atividades:

No dia 2 de agosto em Oswiecim, na Inspetoria São Jacinto de Cracóvia, presidiu à função de passagem de encargo do Pe. Piotr Biegus ao Pe. Marian Dziubinski, novo Inspetor. No mesmo dia encontrou-se com os Inspetores da Polônia e da Circunscrição Leste.

Sucessivamente, junto com o Pe. Zdzislaw Weder, partiu para a Lituânia a fim de participar em Kaunas da primeira visita da Madre Marinella Castagno, Superiora Geral das FMA, à Lituânia e Rússia. Presenciou às profissões das FMA em Kaunas e em Moscou.

Por ocasião da visita à Lituânia, presidiu em Kaunas, ao encontro com os irmãos lituanos a fim de apresentá-los ao Pe. Weder, como primeiro Superior da Circunscrição Leste. Juntos estuda-

ram a situação atual da Congregação salesiana na Lituânia. Em seguida, com o Pe. Weder, efetuou a primeira parte da visita na Bielorrússia.

Depois foi a Moscou onde, sempre com o Pe. Weder, visitou o Arcebispo Francesco Colasuonno, Núncio Apostólico na Rússia, e o Patriarcado da Igreja Ortodoxa da Rússia em Moscou. No dia 15 de agosto, na igreja da Imaculada Conceição de Maria de Moscou, confiada aos Salesianos, presidiu à cerimônia para o início oficial da *Circunscrição Leste*, com sede em Moscou, entronizando o Pe. Zdzislaw Weder como seu primeiro Superior. Tomou parte em seguida da primeira reunião do Conselho da Circunscrição e ajudou no estudo de suas tarefas e na programação de seu trabalho. Tomou também conhecimento dos trabalhos de reparação e adaptação do edifício para o Noviciado em Oktiabrskij, perto de Moscou.

Nos dias seguintes o Pe. Dziedziel foi novamente à Bielorrússia com o novo Superior para colocá-lo ao corrente do desenvolvimento das presenças salesianas. Depois, foram à Polônia, onde receberam as primeiras profissões, Pe. Dziedziel no Novici-

ado de Kopiec (PLO) e Pe. Weder no de Czerwinski (PLE), dos 13 noviços da Circunscrição Leste.

Logo depois foram à Ucrânia para ver a situação das presenças salesianas e dos irmãos, tanto os de rito bizantino-ucraniano (greco-católicos), como de rito latino. Depois continuaram as visitas às presenças da Rússia.

De 26 a 30 de setembro o Pe. Dziedziel acompanhou o Ecônomo Geral, Pe. Omero Paron, em sua visita às obras e presenças salesianas na Lituânia e Bielorrússia. Lá encontraram-se também com o Pe. Oeder, encarregado da Procuradoria Salesiana de Bonn.

Nos dias 3 a 10 de outubro em Wrocław (PLO) participou da “visita de conjunto” das Inspetorias da Polônia e da Circunscrição Leste sobre o tema: “*Qualificação e significatividade*”. Participaram da “visita de conjunto”, presidida pelo Pe. Juan Vecchi, os Conselheiros Gerais: Pe. Giuseppe Nicolussi, Pe. Luc Van Looy, Pe. Antonio Martinelli e Pe. Luciano Odorico e, da parte das Inspetorias, Inspetores, Conselhos inspetoriais e Delegados nacionais dos setores de atividade.

No dia 22 de novembro em Lad (PLN) presidiu à Conferência das

Inspetorias da Polônia sobre a animação vocacional na Família Salesiana e, no dia seguinte à Consulta (Presidência) da mesma Conferência sobre os atuais problemas da Congregação na Polônia.

O resto do tempo foi aproveitado para visitas de animação às 9 comunidades formadoras.

No dia 29 de novembro retornava à Casa Geral em Roma.

O Secretário Geral

Continuando o empenho de animação dos Secretários Inspetoriais, iniciado na primeira parte do ano (cf. ACG 349, p. 73), o Secretário Geral - durante o mês de outubro - organizou dois outros encontros de Secretários na América.

Os dois encontros foram realizados, respectivamente:

- de 3 a 7 de outubro, em *Los Teques*, na Inspetoria da Venezuela: dele participaram os Secretários Inspetoriais da Região Pacífico-Caribe, juntamente com os das duas Inspetorias de New Rochelle e de San Francisco (USA);

- de 10 a 14 de outubro, em *Brasília*, na Inspetoria de Belo Horizonte (Brasil), para os Secretários da Região Atlântico (Argen-

tina, Brasil, Paraguai e Uruguai).

Dessa forma, como já fora relevado para as reuniões anteriores, também estes encontros foram um tempo precioso de atualização para o trabalho dos Secretários Inspetoriais, a serviço das Inspetorias e da Congregação, e ao mesmo tempo, ocasião de maior conhecimento recíproco e de troca de experiências. Aqui também, juntamente com a revisão dos elementos fundamentais do nosso direito, foram considerados os aspectos mais importantes da organização dos escritórios inspetoriais, dando relevo particular ao que diz respeito à documentação da vida e missão das comunidades e das Inspetorias e à sua conservação nos arquivos.

Por ocasião da viagem que o levou à Venezuela e ao Brasil para estas reuniões, o Secretário Geral aproveitou para fazer uma breve visita a algumas Inspetorias e comunidades da América Latina.

Na ida deteve-se brevemente nas duas inspetorias do México: Cidade do México (24-25 de setembro) e Guadalajara (26-27 de setembro), e sucessivamente em Santo Domingo, na Inspetoria das Antilhas (29 de setembro a 1ª de outubro).

Depois dos dois encontros dos Secretários, fez ainda uma breve visita a Campo Grande e a Recife: duas inspetorias brasileiras que celebram este ano o centenário da chegada dos Salesianos nos respectivos territórios (Mato Grosso e Nordeste do Brasil).

Passando por essas Inspetorias (compreendidas aquelas onde se deram os encontros) pode conhe-

cer de perto algo da rica realidade salesiana, sobretudo encontrar-se com os noviços em diversos lugares e com os jovens irmãos nas comunidades formadoras.

Retornando a Roma, nos dias 5 e 6 de novembro, pôde participar em Catânia e Ali Terme, com alguns membros do Conselho, da alegria das celebrações pela beatificação da Madre Maddalena Morano.

5.1 Intervenções do Reitor-Mor no Sínodo dos Bispos

Apresenta-se aqui o texto das duas intervenções feitas pelo Reitor-Mor- uma na Assembléia e outra por escrito no Sínodo dos Bispos sobre a Vida consagrada.

5.1.1 Comunhão entre Consagrados e Leigos.

Intervenção em aula no dia 4 de outubro de 1994.

Santo Padre, diligentes Pastores - Cardeais e Bispos -, Irmãos e Irmãs:

Tocou-me por acaso falar por primeiro em nome da União dos Superiores Gerais.

Interpreto os sentimentos e a vontade de meus colegas e de todos os Religiosos e Religiosas e pessoas consagradas no agradecimento ao Santo Padre por ter escolhido o tema da Vida Consagrada para os trabalhos sinodais desta qualificada assembléia.

Mil agradecimentos, Santidade.

Será, para nós, um compromisso solene em benefício de todo o Povo de Deus e, neste sentido, pedimos também a intercessão permanente e generosa do Santo Fundador Francisco, que hoje comemoramos.

Entendo chamar a atenção sobre a importância da comunhão entre Consagrados e Leigos na participação do espírito e da missão dos Fundadores/as.

Ofereço três elementos de reflexão.

1. Distinção e proximidade entre "dimensão secular" da Igreja e "índole secular" do fiel leigo.

Acena-se no n. 15 da Exortação apostólica "Christefideles laici" a uma fecunda distinção - e ao mesmo tempo a uma vital proximidade - entre "dimensão secular" da Igreja e "índole secular" do fiel leigo. Todo o Povo de Deus tem uma dimensão secular; ela indica a inserção da missão da Igreja na complexa secularidade do mundo.

Esta dimensão é realizada - como bem reconheceu Paulo VI - "de forma diversa para seus membros". Todo Instituto de Vida consagrada realiza-a segundo o próprio carisma. Os fiéis leigos realizam-na com aquela "índole secular" que lhes "é própria e peculiar": para eles o "século" torna-se, a partir de dentro, o âmbito e o projeto da própria vocação cristã.

Entre os Institutos de Vida Consagrada, alguns mais que outros, distinguem-se por uma dimensão secular particularmente acentuada e referida a determinados setores do porvir humano.

A relação entre esta dimensão secular e a índole secular dos leigos, empenhados peculiarmente nos mesmos setores sócio-culturais, não deve ser considerada apenas como proximidade fortuita, mas deve ser vista como convite vocacional para um co-envolvimento específico, evangélico e operativo, para que o "espírito das bem-aventuranças", que constitui o testemunho dos consagrados (cf LG 31), torne-se o clima espiritual também da vida e da atividade dos fiéis leigos.

O espírito evangélico dos Fundadores/as foi dado à Igreja para

que nos vários setores da secularidade ela saiba realizar a própria missão com uma espiritualidade particularmente adaptada e incisiva.

Nesta ótica vemos abrir-se um horizonte de maior vitalidade evangélica e de expansão apostólica.

O Sínodo deveria exortar a um mais intenso florescimento deste co-envolvimento, exortando os consagrados a intensificarem a própria espiritualidade e a abrirem-se a uma mais corajosa capacidade formativa.

2. "Missão" e "Obras" nos Institutos de Vida apostólica.

Devemos reconhecer que a "missão" de um Instituto de vida apostólica mais vasta que suas "obras": missão e obras não se identificam. O Espírito de um Fundador/a pode estar presente e ativo na Igreja para além das obras de um Instituto: assim sendo, aumentariam de fato as vantagens apostólicas.

Eis então que surge para os consagrados a perspectiva apostólica de grupos de fiéis leigos que, com o mesmo espírito, fermentem evangélicamente um determinado setor da secularidade.

Será necessário, a respeito, que aqueles grupos de leigos sejam animados e sustentados devidamente pelos consagrados, que são os primeiros responsáveis pelo carisma do Fundador/a.

A Igreja local perceberá, assim, de forma muito abundante, os frutos dos carismas do Espírito através da presença de comunidades de consagrados que se tornam “núcleos animadores” de um maior número de fiéis empenhados.

O co-envolvimento de leigos no espírito e missão dos Institutos de Vida consagrada fará brilhar melhor a atualidade e a utilidade dos carismas dos Fundadores/as para a nova evangelização.

3. A eclesiologia do intercâmbio de dons.

O co-envolvimento de fiéis enriquecerá reciprocamente leigos e consagrados pela fecundidade do intercâmbio recíproco de dons.

Consagrados e leigos, com efeito - em mútua complementaridade - apareceriam como dois polos em tensão fecunda de vida: da parte dos consagrados, o dom da “fonte do carisma” com sua força escatológica; da parte dos fiéis lei-

gos, o dom da “convivência quotidiana com os desafios do século” a partir da ótica do empenho batismal.

O primeiro polo oferece um horizonte de transcendência espiritual com a riqueza das bem-aventuranças em referência a determinados empenhos seculares.

O segundo polo oferece uma peculiar competência que promove a missão a partir de dentro dos mesmos setores seculares.

Neste intercâmbio quase que espontaneamente brota tanto a autenticidade evangélica quanto a criatividade operativa, tão exigidas hoje pela nova evangelização: dá-se vida a uma consciência cristã de empenho complementar, a experiências operativas inéditas, abrindo caminhos novos para uma missão mais eficaz da Igreja; os desafios do mundo atual, de fato, são significativamente diversos daqueles de um passado recente.

Numa eclesiologia de intercâmbio de dons, o carisma de tantos Fundadores/as tornam-se dom apostólico mais amplo: ao invés de fechar-se nos Institutos de Vida Consagrada, abre-se para mais “além”, gerando “mais vastas Famílias espirituais” para a Igreja.

Por estas e outras razões, considero que se deve promover hoje um verdadeiro co-envolvimento eclesial de comunhão carismática entre consagrados e leigos: cresçam no Povo de Deus amplas “Famílias espirituais”, modeladas sobre os grandes Fundadores/as suscitados pelo Espírito do Senhor para a evangelização do mundo.

5.1.2. A respeito dos “Irmãos” para o serviço da autoridade na Vida Consagrada

Intervenção entregue por escrito no dia 12 de outubro de 1994.

Nas intervenções dos padres sinodais como em uma das “auditions” falou-se muito positivamente da figura e da promoção do “Irmão” na Vida Consagrada hoje.

Alguns insistiram também no acesso deles ao serviço da autoridade em todos os Institutos masculinos. Ora, isto é pacífico em muitos Institutos. Tratando-se porém explicitamente também dos Institutos assim chamados “cléricos”, foram apresentadas em algumas intervenções, argumen-

tações bastante confusas e genéricas, e de sabor sociológico. Parece, portanto, necessário esclarecer o problema, para que se possa respeitar a identidade carismática dos sócios desses Institutos.

Será conveniente ter uma visão objetiva e mais clara dos seguintes aspectos:

- o significado da Vida Consagrada na Igreja;

- a variedade dos carismas, cada qual com exigências diferentes;

- o papel próprio da “missão” em cada carisma, que especifica sua identidade;

- uma consideração mais cuidadosa e mais aprofundada da especial figura dos religiosos-presbíteros;

- a autoridade como serviço aos sócios de acordo com a vontade do Fundador;

- a não conveniência de estender este problema, próprio de alguns Institutos, a todos os outros;

- a oportuna pesquisa, em determinados âmbitos, para encontrar uma terminologia mais adaptada.

Explico sinteticamente cada um destes pontos.

1. O significado da Vida Consagrada.

O Concílio afirma: “Olhando-se para a divina e hierárquica constituição da Igreja, este estado (daquelas que professam os conselhos evangélicos), não é intermédio entre a condição clerical e a laical, mas de ambas as partes alguns fiéis são chamados por Deus para usufruírem deste especial dom na vida da Igreja e, cada um a seu modo, ajudar a sua missão salvífica” (LG 43).

Não é objetivo, pois, afirmar que a Vida Consagrada é de origem “laical”, nem vale até mesmo apoiar esta afirmação com estatísticas quantitativas.

A Vida consagrada procede da própria essência da santidade da Igreja.

2. A variedade dos carismas, cada qual com exigências diferentes.

Todo carisma traz consigo exigências específicas, determinando sua índole própria, e se exprimem também em estruturas originais, ordenadas à manifestação, defesa e promoção da autenticidade da índole própria.

Dessa forma é possível pensar em Institutos assim chamados “laicais” com presença de sócios presbíteros, que não possam tornar-se superiores; ou, ao contrário, de Institutos assim chamados “clericalis” com presença de “irmãos”, que não são, porém, chamados a se tornarem superiores.

Não se trata de uma falta de paridade jurídica, mas de uma modalidade carismática de pertença. É evidente que isso comporta paridade de formação, de responsabilidade e de colaboração de todos os sócios.

3. O papel próprio da “missão” na especificação de um carisma.

A missão é uma dimensão constitutiva da consagração e específica a sua face na Igreja. Ora, se a Vida Consagrada pode proceder igualmente tanto da condição chamada “laical” como daquela chamada “clerical”, todo Instituto poderá ter uma missão com exigências peculiares e, portanto, também com exigências especificamente sacerdotais.

Tem, pois, um peso particular a explícita vontade do Fundador.

Por isso, nesses institutos as estruturas de serviço deverão sintonizar com a autenticidade do próprio carisma para o maior bem de todos os membros.

4. Uma consideração mais aprofundada do religioso-presbítero.

Da mesma forma, um carisma do tipo assim chamado “clerical” aprofunda suas raízes na iniciação do Batismo. Este sacramento fundamental de nascimento no Cristo não nos faz de per si “leigos”, mas “Christífideles” que, com opções posteriores, podem ser “Christífideles laici”, “Christífideles ordinati”, “Christífideles consecrati”. A radicalidade batismal enriquece a cada um para revitalizar a opção posterior.

O religioso-presbítero recebe assim da radicalidade batismal, um contínuo fluxo espiritual que o faz realizar de forma mais vital os seus compromissos ministeriais.

Santo Agostinho distinguia muito bem entre “ser bispo para vós” e “ser cristão convosco”: o primeiro é uma responsabilidade peculiar de serviço, o outro é uma

graça de vitalidade e de autenticidade na seqüela do Cristo.

Não se deve, por isso, identificar a radicalidade batismal com o ser leigo, porque ela é própria de cada tipo de Vida Consagrada.

5. Autoridade como serviço de acordo com a mente do Fundador.

A autoridade religiosa não é um poder de patrão ou uma dignidade de classe superior, mas um serviço sobretudo de animação e de direção espiritual (comunitária e pessoal - cf MR 13) para promover o carisma do Fundador. Nos Institutos chamados clericais, ela cuida, como centro dinâmico de tudo, da caridade pastoral das comunidades e dos sócios; tem pois uma relação especial com o sacramento da Ordem, cuja graça específica é justamente a caridade pastoral.

Os “irmãos” nestes Institutos possuem muitos encargos importantes a desenvolver, mesmo de administração e de comando, que devem saber realizar, porém, num clima comum e harmônico de preocupação pastoral.

Fazer depender o acesso ao serviço da autoridade de um conceito

genérico de “paridade jurídica” seria prescindir da índole própria de cada carisma.

6. A não conveniência de estender a todos os Institutos o assim chamado problema da “paridade jurídica” no exercício da autoridade.

Institutos existem que se tornaram “clericais” no tempo, mas que nas origens não eram assim e, quem sabe, a respeito dos “irmãos” têm favorecido de uma certa maneira uma espécie de separação classista. É muito positivo que neles se promova a formação e o papel dos “irmãos” e se defenda para eles a concreta possibilidade do exercício da autoridade.

Cada Instituto deverá saber fazer uma re-leitura fundacional do próprio carisma e decidir na fidelidade ao próprio Fundador e à própria sã tradição. Procurar estender a todos aquilo que pode ser expressão melhor da índole própria de um, ou mesmo de vários Institutos, seria querer generalizar uma característica particular.

O Sínodo é chamado a enfrentar os aspectos gerais e universais

da Vida Consagrada e não a resolver eventuais problemas de Institutos individuais.

7. Seria desejável, para alguns casos, uma mudança de terminologia.

– Um primeiro caso é o termo “leigo”. Na LG 31, e depois na Exortação Apostólica “Christifideles laici”, este termo sublinha a índole secular, própria destes membros do Povo de Deus: neste sentido não pode ser aplicado aos “irmãos” consagrados.

É ainda corrente, porém, o uso de “leigo” e “laical” para indicar determinados sócios e Institutos de Vida Consagrada; será necessário neste caso fazer ver que se refere apenas aos consagrados que não receberam o sacramento da Ordem.

O uso simultâneo dos dois significados pode, certamente, provocar ambigüidades e também desvios. Seria de desejar que se evitasse o uso do segundo significado, substituindo-o por outro mais apropriado.

– Outro caso pode ser o termo “clerical”. Este termo foi carregado no linguajar comum de

um significado muito negativo que lhe torna o uso malquisto. Juridicamente ele tem um significado técnico bem definido, mas fora desse âmbito especializado, provoca distância e, ao mesmo tempo, justamente o contrário dos aspectos positivos que deveria indicar.

Ao invés de falar de Institutos “clericais”, pareceria mais de acordo o uso de uma outra terminologia que indicasse a dedicação do Instituto a uma missão explicitamente pastoral com peculiares notas sacerdotais.

– Outro caso poderia ser o termo “*consagrado*”. Pensando-se que existe uma fundamental “consagração” no Batismo, e que existe uma outra na Crisma, na Ordem e também no Matrimônio, pareceria oportuno reservar na prática o termo apenas para aqueles que fazem profissão dos conselhos evangélicos.

Certamente será preciso saber explicar-lhe o uso triunfante depois do Concílio. De outra parte não é fácil encontrar um termo substitutivo que evite seus inconvenientes.

5.2 Beatificação de Madre Maddalena Morano

O Sumo Pontífice João Paulo II, no sábado 5 de novembro de 1994, em Catânia, durante sua visita pastoral à cidade, beatificou solenemente a nossa Irmã Filha de Maria Auxiliadora, Madre Maddalena Caterina Morano, que esteve nas origens da implantação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora na Sicília. Um grande acontecimento não só para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, como também para toda a Família Salesiana, que em Madre Morano tem um novo luminoso exemplo de santidade. Para festejar, ao redor do Santo Padre e da Igreja de Catânia, estavam presentes alguns membros do Conselho Geral, representando o Reitor-Mor, infelizmente impedido de participar, a Madre Geral das FMA com o seu Conselho, muitos Salesianos da Sicília e numerosos representantes dos grupos da Família Salesiana.

Durante a homilia, o Santo Padre sublinhou alguns aspectos que caracterizaram a nova Beata. “Irmã Maddalena - recordou entre outras coisas, dirigindo-se particularmente aos fiéis da Sicília - desenvolveu

nessa Ilha, em favor de vossa gente, uma intensa e fecunda atividade espiritual e educativa. Por longos anos ela se fez uma de vós, tornando-se modelo fiel de serviço a Deus e aos irmãos”. E chamando-a “mestra nata”, o Papa indicou-a como exemplo de educadora no caminho do amor de Deus e do próximo, a exemplo de São João Bosco e de Santa Maria Domingas Mazzarello. “Suas exortações iluminam, confortam, encorajam: ‘Pensai como teria pensado Jesus. Rezai como teria rezado Jesus. Agi como teria agido Jesus’. Assim falava Madre Maddalena e assim escrevia”.

O Reitor-Mor, numa carta enviada à Madre Geral, que a leu durante o almoço festivo de família após a beatificação, depois dirigir as mais vivas congratulações à Madre e ao Instituto por este grande acontecimento, escrevia: “No recente Sínodo sobre a vida consagrada emergiu como desafio, primeiro e continuado, o do maciço relançamento da espiritualidade própria de cada carisma: de fato, a vida consagrada pertence intimamente à vida e santidade da Igreja. A Beata Maddalena Morano proclama vitalmente às Filhas de Maria Auxiliadora e a todos os membros da Família Salesiana, qual é o genuíno estilo de

espiritualidade apostólica cultivado à escola de Dom Bosco. Faço votos que este acontecimento espiritual mova pessoas e comunidades a um sempre mais convicto e atuante testemunho do ‘da mihi animas’”.

No dia seguinte, domingo 6 de novembro, em Ali Terme, lugar tão caro a Madre Maddalena Morano, onde se conserva o seu corpo, muitos se encontraram com as Filhas de Maria Auxiliadora para rezar e fazer festa em honra da nova Beata. O Pe. Giovanni Fedrigotti, Conselheiro Geral para a Itália e o Médio Oriente, presidiu à Eucaristia traçando na homília as principais linhas da santidade apostólica salesiana que Madre Morano transmite hoje a toda a Família de Dom Bosco.

Na semana seguinte à beatificação, sempre com a participação da Família Salesiana, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora organizou três dias (9-11 de novembro) de celebrações em Roma. Recordem-se, particularmente, o ato acadêmico organizado com a colaboração da Faculdade “Auxilium”, com o título: “Os caminhos proféticos de Maddalena Morano”, e a solene concelebração na basílica de Maria Auxiliadora, no Tuscolano, presidida por S. Ema. o Cardeal Pio Laghi.

5.3 Irmãos falecidos (1994 - 4ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. ... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	NSP.
P AGGUIRRE ARIAS José	Cumbayá	05.06.94	87 ECU
P ALFONSO Domingo	Puerto San Julián	10.09.94	77 ABA
L ANTELO Manuel	Montevideo	30.11.94	78 URU
P ARDUSSO Francesco	Madrasta	11.11.94	83 INM
P BAJIC Mirko	Rijeka	14.10.94	72 CRO
P BARON Marco Antonio	Medellín	09.09.94	54 COM
Foi Inspetor por 4 anos			
P BARTEN Jan	Remouchamps	30.11.94	78 BES
P BASSANO Angelo	Genova	12.11.94	72 ILT
L BATTEZZATI Natale	Campo Grande	29.10.94	94 BCG
P BATTEZZATI Pietro	Roma	16.12.94	94 IRO
P BERTOLDI João	Silvânia	01.12.94	87 BBH
P BEZZEG József	Budapest	15.10.94	80 UNG
L BIASIN Emilio	Albaré (VR)	11.12.94	72 IVO
P BRIZIO Miguel	Córdoba	05.11.94	87 ACO
P BRIZZOLA Mario	Bahía Blanca	01.12.94	87 ABB
P BROCCARDO Alfredo	Los Angeles	28.09.94	90 SUO
P CALLEJAS CALDERON Francisco	Madri	16.11.94	76 SMA
E CARRETTO Pietro	Bangpong	16.11.94	82

Foi Inspetor por 3 anos, Vigário Apostólico de Ratchaburi por 14 anos, Bispo na mesma sede por 4 anos e Bispo de Surat Thani por 19 anos.

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	NSP.
P CASTELLINO Cesar Bartolomeo	Roma	30.11.94	84 IRO
P CIBIN Pietro	Este	03.11.94	71 IVO
L COLLI Giuseppe	Cuneo	09.10.94	86 ICP
P COLUSSI Antonio	Cuiabá	27.08.94	82 BCG
L CONTE Andrea	Castellamare di Stabia	17.09.94	81 IME
P COSTA João Batista	Recife	28.10.94	74 BRE
P DA ROS Giuseppe	Guatemala	17.10.94	89 CAM
P DERMOTA Bruno Walter	Trstenik	28.09.94	79 SLO
P DZIERSON Engelbert	Bendorf	01.11.94	84 GEK
P EVINIC Jozef	Myjava	04.09.94	81 SLK
P FANZOLATO Juan Luis	San Juan	08.11.94	89 ACO
L FARRONATO Virginio	Turim	02.11.94	75 ICP
L FERNANDES Castellino	Shillong	29.08.94	65 ING
P FILIPPELLI Umberto	Castellamare di Stabia	04.12.94	78 IME
P GHIRARDELLI Tommaso	Campo Grande	30.11.94	81 BCG
P GIORDANO Salvatore	San Cataldo	09.12.94	78 ISI
P GONDEK Franciszek	Dabrowa Tarnowska	23.10.94	82 PLE
P GRACEFFA Giuseppe	Caltanissetta	01.10.94	84 ISI
L KRESE Alojzij	Celje	29.09.94	63 SLO
P L'HOSTIS Pierre	Toulon	26.08.94	83 FPA
P LOPEZ JIMENEZ Manuel	Sevilha	17.09.94	65 SSE
P LUCETTI Giovanni Battista	Borgo San Martino	26.10.94	77 ICP
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>			
P MAIO Salvatore	Catânia	15.11.94	75 ISI
P MARTON Béla	Budapest	12.10.94	84 UNG
P MASCHIO Luca	Mukuyu (Kenya)	19.09.94	31 AFE
P MASSA Michele	Roma	16.11.94	79 IRO
P Mc VEIGH Joseph	Sunbury	20.11.94	78 GBR
L MESA Eusebio	Montevideo	12.10.94	60 URU

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	NSP.
P MOLINA MAS Vicente	Elche	06.11.94	91 SVA
P MONTERO GUTIERREZ Fco. Javier	El Bodón-Salamanca	13.09.94	99 SSE
P NATALI Remo	Trelew	31.10.94	71 ABA
P NIHOARN Marcel	Caen	25.10.94	64 FPA
P OCAÑA PEÑA Julián	Madri	26.11.94	80 SMA
P OTTOLINI Lorenzo	Sondrio	23.09.94	66 ILE
P PEA Giovanni Battista	Bolonha	15.11.94	75 ILE
P PETRICIC Raúl	Buenos Aires	06.09.94	78 ABA
P PIXA Hieronim	Oswiecim	26.09.94	83 PLE
P Planello Gonzalo	San Justo	14.09.94	54 ABA
P POLAK Karel	Olomouc	26.10.94	81 CEP
P REUMERS Henri	Boortmeerbeek	17.11.94	77 AFC
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>			
P RIPOLL Carlos	Buenos Aires	17.11.94	85 ABA
P RIVAS FLORES Adrián	San Salvador	22.10.94	70 CAM
P RIVERA AROCA Celestino	Sevilha	06.11.94	64 SSE
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>			
E RIVERA DAMAS Arturo	San Salvador	26.11.94	71
<i>Foi Bispo Auxiliar de San Salvador por 17 anos, Bispo de Santiago de Maria por 6 anos e Arcebispo de San Salvador por 11 anos.</i>			
P ROCCARO Gino	Cochabamba	04.12.94	52 BOL
L ROSSI Mario	Calamba-Laguna	08.09.94	81 FIN
P SILVA Quintiliano	São Paulo	21.11.94	87 BSP
L SPIRI Enzo	Turim	12.11.94	70 ICP
L TOGNINI Mario	Varazze	01.10.94	81 ILT
P VACHAN Luis	Vila do Conde	22.10.94	85 POR
P VALKENBORGH Jozef	Leuven	25.11.94	83 BEN
P VILA RODICIO Vitorino	Tambacounda	14.11.94	58 SLE
P VISALLI Mariano	Messina	24.09.94	84 ISI

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	NSP.
P WAREING Peter	Bexhill	17.11.94	74 GBR
L WESSELING Henny	Leusden	11.12.94	66 OLA
L WOLFE Anthony	Suffern-Nova Iorque	01.10.94	81 SUE
L ZAFFARONI Pietro	Turim	10.10.94	82 ICP
L ZAZURIAN Paolo	Civitanova Marche Alta	28.08.94	83 IAD
P ZOLYNIK Edward	Cracóvia	28.11.94	78 PLS
P ZURBRIGGEN Carlos	Mendoza	30.10.94	80 ACO